

COMISSÃO DA VERDADE

PRESIDENTE

DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT

26/042013

COMISSÃO DA VERDADE.**BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.****26/04/2013**

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Está aberta a sessão. Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, 35ª audiência pública sobre os casos Carlos Aderval Alves Coqueiro, Devanir José de Carvalho, Dimas Antonio Casemiro, e Joaquim de Alencar Seixas. São Paulo, três de abril de 2013, auditório Teotônio Vilela, instalação da 35ª audiência pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva no dia 26 de abril de 2013 na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo auditório Teotônio Vilela para oitiva de depoimentos sobre os casos dos militantes do MRT, Movimento Revolucionário Tiradentes. Aderval Alves Coqueiro, Devanir José de Carvalho, Dimas Antonio Casemiro, Joaquim de Alencar Seixas, todos mortos entre fevereiro e abril de 71.

Esclarecemos que a Comissão da Verdade Rubens Paiva pretende realizar todas as audiências abertas ao público. Eu queria me referir à assessoria da Comissão que é importantíssimo que nós aproveamos o regimento interno o mais rápido possível. A formação da mesa por enquanto vai contar com Ivan Seixas que além de ser assessor da Comissão é ex-presos político do MRT e testemunha do assassinato de Joaquim Seixas. Eu queria na sessão pelo menos de hoje a tarde que nós tratássemos desse fim de semana que vai ser muito importante, que vai ter o encontro nacional dos comitês. Queria finalizar esse encontro para preparação da segunda-feira. Sem mais delongas queria pedir ao Ivan para compor a mesa e quem vai ler os memoriais, (inaudível – fora do microfone).

Eu queria primeiro ler o texto que foi publicado no Jornal Estado de São Paulo na sexta-feira 26 de abril de 2013 do articulista, do jornalista, do escritor Milton Hatoum. O texto tem o seguinte teor. Amelinha, você gostaria de ler o artigo do Milton Hatoum? Então, passo ao Ivan para ler o texto publicado no Jornal o Estado de São Paulo de hoje.

O SR. IVAN SEIXAS – Chama-se ‘Antes do amanhecer’.

Pegava o ônibus às cinco da manhã atravessavam vários bairros de São Paulo e chegava à rodoviária antes do amanhecer. Às vezes saltava na Avenida Ipiranga e andava por ruas que eu havia percorrido no mês anterior, gritando palavras pela liberdade. Só mais tarde alguém notava a ausência de um amigo, que podia estar encarcerado no edifício de tijolos aparentes ou em outra delegacia. Fazia frio naquela madrugada de agosto, e lá se vai um quarto de século. Ainda vejo as mulheres na Rua do Triunfo, algumas sem agasalho, à espera de um carro, nem que fosse táxi. Há poucos homens nas ruas: bêbados caídos no Largo General Osório e trabalhadores humildes que se dirigem à Estação da Luz; alguns vão para onde vou: a rodoviária de São Paulo, coberta por gomos coloridos de acrílico, abrigo de tanta gente que vem de muito longe para sonhar e trabalhar aqui.

No guichê da viação Pássaro Marrom comprei a passagem para o Vale do Paraíba; depois, na tabacaria Citaba, conversei um pouco com o velho Edmundo. Quando um grupo de nordestinos se aproximou, o velho Ed lhes deu cigarros: que vendessem lá embaixo, na porta dos hotéis e na entrada da Sorocabana. Caminhei a esmo pelas plataformas de embarque, tomei café e conhaque para matar de uma só vez o frio e o sono. Seis e cinco no relógio da torre da Sorocabana. Os gomos de acrílico filtravam uma luz baça: São Paulo talvez amanheça também para os passageiros insones e mendigos exaustos. Não longe dali, o edifício escuro e sinistro, vigiado por homens armados.

Comprei um jornal e desci à plataforma número quatro. Li as manchetes e observei os rostos na manhã ainda indecisa. Quando ia abrir o jornal, um ônibus verde metálico apareceu na plataforma A4 e parou. Destino: Brasília. Cortinas escuras vedavam várias janelas, e na última vi um rosto pálido, os óculos de lentes grossas e aros pretos, olhos azulados e meio embaçados. Ergui as mãos, sem ter certeza de que era ele. Não olhou para mim: parecia ausente. Me aproximei da janela: ele me olhou com tristeza ou cansaço e percebi que podia ser outro...

O motorista fechou a porta do ônibus, a fumaça escureceu a plataforma, o ronco do motor e uma buzina estridente anunciaram a partida. Ele ainda virou o rosto para o banco onde eu estava sentado, e pela última vez pensei que podia ser meu amigo. Pouco depois, na beira da Via Dutra, vi trabalhadores agachados ao redor de uma fogueira. O dia cinza e frio de agosto não queria amanhecer... Recordei que ele havia desaparecido em outubro de 1973, e eu viajava para Taubaté numa manhã de 1978. Ele não teria viajado livremente a Brasília, onde tinha sido caçado. Não voltaria à UnB, de onde fora banido para sempre. A rodoviária não é mais ali, e o edifício grandioso e sinistro perdeu seus cárceres e corredores escuros. Os assassinos de Honestino andam soltos e impunes por aí? Ainda riem dos que foram torturados e jogados no fundo da terra calcinada? Ou são apenas fantasmas de uma história infame?

É uma crônica sobre o Honestino Guimarães que foi Presidente da UNE e o Milton Hatoum presta sua homenagem bonita. O Governo do Estado de São Paulo atendendo a solicitação da Comissão da Verdade Rubens Paiva fez finalmente uma retificação na ficha funcional de um funcionário desaparecido, que é o Fernando Santa Cruz oliveira, que é inclusive irmão da Rosalina Santa Cruz que está aqui com a gente. E a notícia que saiu na Folha de São Paulo diz o seguinte, o Estado de São Paulo determinou a correção do motivo da dispensa na ficha de registro do desaparecido política Fernando Santa Cruz, que nasceu em 48 e morreu em 74, junto ao departamento de águas e energia elétrica, DAEE. Militante de esquerda durante a ditadura, Santa Cruz trabalhava no órgão paulista quando foi preso por agentes do DOI-CODI do Rio de Janeiro em 74 e desde então é considerado desaparecido. Com a decisão, o trecho da dispensa onde consta que a causa foi abandono de emprego, será substituído por extinção do contrato de trabalho por morte. O pedido de retificação foi feito pelo Estado de São Paulo que recebeu a resposta positiva do Procurador Geral do Estado, Elival da Silva Ramos. E sequestrado no Rio de Janeiro foi levado na Casa da Morte em Petrópolis, e foi torturado por um tempo que não se sabe quantos dias, e depois seu corpo desapareceu. Recentemente o ex-delegado Claudio Guerra deu declarações, escreveu um livro contando sobre serviços que ele fez no CIE, Centro de Informações do Exército e entre outras coisas ele fala que Fernando Santa Cruz foi um dos corpos que ele pegou na Casa da Morte de Petrópolis, e que ele levou a uma usina de açúcar em Campo de Goitacás chamada Usina Cambaíba e lá no forno da usina teria cremado vários corpos. Um desses corpos seria de Fernando Augusto Santa Cruz de Oliveira.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, só quero registrar a presença de (ininteligível) bascos, seja bem vindo. Ivan, vamos lá. Parte dura, vamos começar. O Renan trouxe aqui antes de começar, só para registrar o Renan Quinalha trouxe o documento que nós vamos entregar para a Rosalina. Esse aqui é o documento oficial do Governo do Estado, original, que eu queria que você entregasse a Rosalina Santa Cruz em documento oficial do Governo do Estado de São Paulo em que pese, vou falar oficialmente, não tenho problema, que eles fizeram aqui umas ressalvas. O item dois aprova as conclusões contidas no item seis da manifestação destacando da retificação ali sugerida de cunho meramente declaratório irão outras consequências no plano jurídico administrativo como demonstrado no item seis-quatro. Então, eles puseram uma trava de segurança para não admitir itens no processo. Enfim, não foi uma coisa boa ter admitido isso, mas faz parte. O importante é que o atestado de demissão seja corrigido e pelo menos a gente consiga essa pequena reparação. Queria pedir para o Ivan te entregar esse documento, que para vocês da família Santa Cruz é muito importante. Só faz uma falinha para registrar esse momento que é um momento importante.

A SRA. ROSALINA SANTA CRUZ – É importante a nossa luta. É importante esse documento quando no atestado de óbito do Fernando ainda consta que ele morreu pela Lei 9140, como aqui ainda não consta que ele foi dispensado por morte política, uma vez que nós ainda não temos o cadáver. Mas a nossa luta continua. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Uma pequena vitória. Vamos lá Ivan, vamos entrar na nossa pauta. Porque o Ivan está como testemunha aqui hoje? Ivan Seixas está como testemunha pela morte do seu pai, Joaquim Seixas. Tanto o Ivan foi preso com o seu pai, e hoje que nós vamos contar a história do MRT, o Ivan vai começar a contar um pouco da história desse trecho da história do Brasil que ainda não foi contada. Com a palavra, Ivan Seixas.

O SR. IVAN SEIXAS – Bom, muito importante de a gente falar dessas audiências que a gente tem feito aqui na Comissão da Verdade, é que essas pessoas que a gente está apurando, elas não são pessoas que existem para morrer. Elas existiram antes, os assassinatos, antes das torturas, elas fizeram alguma coisa pelo Brasil. no caso dos militares políticos, eles além de terem as suas vidas pessoais, são pessoas que tiveram uma intensa vida política. E para essa intensa vida política fazer sentido, tiveram motivações. Então, simplesmente falar que a pessoa foi presa, torturada e morta fica absolutamente sem sentido. O Fernando Santa Cruz, por exemplo, é uma pessoa que antes de ser morto, ele foi inclusive funcionário do DAEE. Ele era uma pessoa que tinha responsabilidades, tinha filhos. O filho dele é Presidente da OAB do Rio de Janeiro. Então, tudo isso dá significado para as pessoas. Não é simplesmente ela existir para ser personagem da morte. Isso não faz nenhum sentido. Então, a minha preocupação nesse momento é explicar esse MRT, quem eram as pessoas que compunham o MRT (ininteligível) que era um mecânico, um torneiro mecânico. O Dimas Casemiro era um empresário gráfico e o meu pai que era um mecânico de aviões e depois de carro. E as pessoas que compunham que eram trabalhadores de vários segmentos. Então, a origem dessa organização é anterior até a 1964 porque as organizações antes de 64 que é importantíssimo a gente ressaltar, diferente do que a direita quer fazer acreditar, o golpe de 64 que é o assalto ao poder, aos cofres públicos foi feito para garantir isso aí.

Rompe uma crença que a esquerda tinha na democracia. A esquerda antes de 64 acreditava no projeto democrático, acreditava ser possível fazer reformas, acreditavam

ser possível pela via eleitoral fazer a transformação no país. Quando há o golpe que muita gente é surpreendida, começa-se a tentar buscar um outro caminho para resistir ao golpe e principalmente a ditadura que estava sendo implantada. E aí a esquerda há algum tempo até se organizar e dar a resposta necessária. Dentre esses vários agrupamentos que surgem, porque houve rompimento dentro do maior Partido de esquerda, que na época era o PCB, o maior Partido brasileiro, acontecem dissidência em várias outras organizações que vão levar às organizações de combate a ditadura. Dentre esses dissidentes, essa força majoritária, tem um grupo que forma a Ala Vermelha do PCdoB, que sai do PCdoB e forma uma ala separada do Partido Comunista do Brasil. esse grupo era um grupo que basicamente defendia a resistência armada e defendia a luta de tomada do poder pela força das armas. Uma boa parte era operário e uma boa parte era do campo. Então, vários desses militantes participaram de uma organização das ligas camponesas antes de 64 que era um braço armado das ligas camponesas que se chamava MRT, Movimento Revolucionário Tiradentes, vários desses companheiros que foram à Ala Vermelha e outros que não saíram do PCdoB fizeram treinamento na China, em Cuba mesmo, de guerrilha.

Vários deles como o Osvaldão que sai do Araguaia e vai para o PCdoB, outros como Helio Cabral que ficam dentro da Ala Vermelha e alguns que fizeram esse treinamento rompem com a Ala Vermelha e formam uma nova organização, dando nome em homenagem a essa origem revolucionária, batizando de MRT. O MRT tinha basicamente uma formação...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Já que você está fazendo, quer dizer, quando ocorre o racha do PCdoB com a Ala Vermelha e quem foi o principal grupo que fez esse racha e conceituou, e depois quando ocorre o racha do MRT com a Ala Vermelha? Dá para você por esses marcos sem se alongar muito?

O SR. IVAN SEIXAS – O grupo que tinha foco aqui em São Paulo, mas não era só em São Paulo dentro do PCdoB sai um grupo considerável dos irmãos Carvalho, Aderval Coqueiro que era de São Bernardo, mas tinha um grupo que era do sudoeste de Minas Gerais, e saem do PCdoB para formar o que seria a Ala Vermelha. Nesse grupo que ainda está em discussão, acaba por romper com a própria Ala Vermelha. Dentro da ala cria-se um grupo chamado de grupo nacional, que vai ter figuras como o próprio Derli, o Devanir, o Coqueiro, o Jami Luz, que depois sai da ala e vai formar junto com o pessoal da VAR Palmares, e vira um dos comandantes da VAR Palmares. São pessoas que tem um comando considerável para obedecer, e pessoas da Ala Vermelha conta que quando saíram do PCdoB foi um grande contingente de pessoas ligadas aos irmãos Carvalho e ao Aderval Coqueiro, só de pessoas do ABC, porque eles eram fundadores do Sindicato dos Metalúrgicos. Em 63 quando é formado o sindicato dos metalúrgicos, na diretoria de base estavam lá o Devanir, o Coqueiro e tal. E um dos diretores do sindicato é o Derli José de Carvalho. Então, esse grupo vai para a Ala Vermelha e depois esse grupo de operários vão juntos para formar o MRT. No setor de campo a mesma coisa. A região de Goiás com o Jamil Zabi e tudo mais. A formação em termos de extrato social era basicamente desse aí, de operários. Esse grupo nacional da ala, que é uma dissidência que fica muito tempo dentro da ala, apesar de ser dissidentes, continua discutindo e fazendo a luta política para fazer os caminhos, é o mesmo pessoal que faz a tomada da rádio nacional, que faz duas ou três festas e que faz o trabalho de propaganda contra a ditadura e faz um trabalho de conscientização, muito voltado para a região do próprio ABC. Esse grupo também faz uma disputa com o movimento operário aqui em São Paulo, na região da Freguesia do Ó onde tinham muitas organizações operárias, a base social tanto com o que vem da ala quanto com o que vem depois do MRT. E no campo a mesma coisa, mas no campo é uma coisa muito mais discreta, porque tinha aquela coisa quase mítica de se fazer a guerrilha rural. Então, o setor de campo era para se ter muito sigilo, a área estratégica das organizações da revolução não ficasse exposta, então, era uma coisa que não poderia ficar muito ampla. Então, aqui na cidade que não podia ser escolhido como uma coisa apenas tática, passa a ser uma coisa estratégica, de luta, acaba por transformar em expor um grande número de militantes, tanto do movimento de massa quanto dos quadros das várias organizações do MRT.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Excelente. Vamos retomar um depoimento do MRT e desses quatro casos que a gente, você poderia fazer uma, antes de entrar no caso da sua família que é uma verdadeira instituição revolucionária, é um Partido, eu gostaria que você fizesse uma introdução sobre os três, enquanto as outras testemunhas não chegam, e aí fala nome por nome. Fala um pouquinho de cada.

O SR. IVAN SEIXAS – A Ala Vermelha com essa dissidência que tem que é um grupo especial nacional, é uma organização que tem vários militantes, vários quadros, mas em metade do ano de 1969 a Ala Vermelha sofre várias quedas. São várias pessoas que são aprisionadas. São pessoas da família do Devanir de Carvalho são capturados os seus irmãos, só escapa a irmã que é a Helena, que era muito pequenininha, mas o Derli José de Carvalho, o Jairo José de Carvalho, o Joel José de Carvalho, o Daniel José de Carvalho são todos capturados. Tinha um outro que era meio irmão deles que era o Aderval Alves Coqueiro, que tinha uma ligação muito profunda com o movimento operário, também é preso junto com vários outros companheiros. O Renato Tapajós, o Alípio Freire, o Dinis Cabral Filho, são todos presos, mas já estão no processo de rompimento, já estão fora praticamente da Ala Vermelha, já estão ligados ao MRT que foi criado em 69 no meio desse processo de prisões, e o Derli é o único dos irmãos que não saem da Ala Vermelha. Os outros quatro ficam presos e em determinado momento começam aquelas ações de libertação de prisioneiros políticos que são os sequestros de diplomatas. Então, o primeiro sequestro que é o sequestro do Embaixador americano em setembro de 69 são 15 que saem, aí já em março de 70 é feito um sequestro as presas do Cônsul japonês aqui em São Paulo, um sequestro que é feito em frente, porque uma das práticas, uma das propostas que se tinha nesse momento que é em foco em uma das três pessoas que se tinha nesse momento é o Devanir de Carvalho

e o Eduardo Collier Leite, o Bacuri. E eles defendem o tempo inteiro a criação de uma frente revolucionária para lutar contra a ditadura e fazer a revolução que o país merecia. Eles são contatados pela VPR, e uma parte dessa revolução estava fazendo o treinamento no Vale do Ribeira, onde estava lá o Carlos Lamarca, Iara Iavelberg e Darci Rodrigues, tal, e uma das quedas acontecem na cidade. Uma dessas quedas, que é uma das prisões é de um dirigente da VPR que é o Mario Japa, ele é capturado e ele sabia onde era a área. Inicialmente pede ajuda para o Devanir e ao Bacuri para que fizesse um sequestro para salvar o Mario Japa que estava sendo muito torturado. Rapidamente organizado o sequestro do Cônsul japonês, o Devanir e o Bacuri organizam rapidamente o sequestro que é focado para tirar o Mário Japa, mas algumas outras pessoas são colocadas para não focar muito nele, e são colocadas a Damaris, Lucena, filhos, Madre Maurina, Otavio Ângelo, que é para não reforçar a importância do Mário Japa e não chamar a atenção para isso. No caso esse sequestro em frente consegue rapidamente tirar os presos e o Mario Japa vai para o México, quando chega lá estava tão torturado que ele dava entrevistas e desmaiava no meio de tamanha barbárie que tinham aplicado a ele. Esse sequestro do Cônsul japonês é muito para a gente entender a esquerda naquele momento. É através dela, dessas pessoas, do Devanir, do bacuri, que defendem uma frente armada, uma frente revolucionária contra a ditadura. O sequestro tem o sucesso, em seguida o Vale do Ribeira é detectado um enfrentamento, e saem do Vale do Ribeira um grupo de pessoas entre eles o Carlos Lamarca que era procurado no país, odiado porque ele tinha deixado de colaborar com a ditadura sendo um capitão do Exército, ele e vários outros militares, Sargentos e Cabos que aderem à luta pela ditadura. Mas eles não têm um apoio, eles não têm um local para ser abrigado. Eles são abrigados pelo MRP. O Lamarca morou durante vários anos na casa do Devanir, depois morou na minha casa. Era uma forma solidária de continuar a luta. As reuniões da VPR eram nos aparelhos do MRT, mas nesse momento acontece no Rio de Janeiro o sequestro do Embaixador alemão, e entre as pessoas que são libertadas, são quatro adultos (ininteligível) 71 já é muito importante porque o Coqueiro que a gente vai depois ter os depoimentos aqui referentes ao Coqueiro, ele volta em um esquema alternativo ao nosso. Ele volta pela Var Palmares, é identificado e banido no Rio de Janeiro e como é o primeiro a voltar para a luta da ditadura, tinha uma regra que obviamente não letal, que quem não voltar vai ser morto. E ele é o primeiro a ser assassinato, montam uma farsa de cerco que ele é derrotado, e com o estardalhaço é anunciada a morte do Coqueiro em fevereiro de 1971 já.

As quedas do MRT se dão por uma ligação com a Ala Vermelha. Então, começa pela Ala Vermelha. Em fevereiro de 71 foram presas algumas pessoas da ala, entre elas são muito importantes, são presos praticamente juntos Helio Cabral de Souza e Edgard de Almeida Martins. O Helio Cabral de Souza, ele é um companheiro de muito valor, ele e a sua companheira são muito torturados, não dão absolutamente nenhuma informação. A companheira dele consegue simular um ataque cardíaco, é levada ao HC e consegue fugir do HC. O Helio Cabral tem realmente um programa causado pelas torturas, mas por causa da fuga da sua companheira, a repressão não acredita, ele quase morre porque não fizeram tratamento nele. Vai já meio tardiamente para o HC, mas com uma vigilância muito grande ele é recuperado e volta para as torturas.

Já Edgar de Almeida Martins que era um militante com longa tradição de lutas, que tinha uma militância muito extensa, foi militante do PCB, do PCdoB e depois era um dos diligentes da ala. Ele suporta as torturas até um determinado momento e depois ele negocia. Ele passa a ser um agente policial dentro da Oban, eu quando cheguei preso na cela quatro da Oban, ele já estava lá e era um agente. Mesmo preso ele era levado lá para cima, Edgar de Almeida Martins. Ele era do interior de São Paulo, e ele mesmo preso era retirado, colocado em uma sala e passava o dia inteiro analisando documentos para ver a linha política do PCB, do PCdoB e do MRT. E em ver os panfletos que as organizações emitiam para dizer, estão indo por ali, por aqui e tudo mais. Além disso, uma memória prodigiosa e uma determinação canalha de colaborar com a ditadura, ele tinha, eu vi isso e ninguém me contou, é um comportamento policial. E ele conversando ele fala assim, lembrei de uma coisa. Em 1940 e pouco eu estive em um apartamento na Gloria no Rio de Janeiro, e eu acho que a pessoa ainda mora lá. E ia para lá e trazia preso, gente do Partidão, do PCdoB, apoio da Ala Vermelha. E esse cara com esse comportamento de colaborador da repressão, um agente praticamente, ele consegue recompor vários contatos e ele consegue lembrar que ele foi uma vez a Votuporanga e lá ele consegue lembrar que conheceu um camponês chamado Valdemar Andreu, que veio aqui na Comissão já falar sobre o Denis Casemiro. E em Votuporanga ele consegue junto com os agentes do DOI-CODI, localizar onde estavam morando os agentes do Valdemar que chegou até a trocar de nome, mas não estava com o nome falso. Estava morando em um sítio. Eles conseguem chegar e prendem o Valdemar. Eles conseguem chegar e dar algumas informações que chegam já em algumas pessoas que eram do MRT. Uma delas é o Antonio Camargo Guerra que é preso por uma informação tão

alucinada, um desejo assustador. Ele lembra que tem um estudante universitário que era estudante secundarista, nos meses de fevereiro ou março de 1970 que por ali poderia reconhecer o cara. Aí a Oban leva ele para o DETRAN e ele passa lá vários e vários dias, e localiza a foto do Márcio, que era o Antonio de Camargo. Então, o Márcio foi preso e ele fala que abre outras pessoas.

Uma dessas pessoas que ele abre o ponto é o Devanir, que não cai nesse ponto e é um camponês que morava na Rua Cruzeiro 111 no Tremembé que era um apoio nosso com o setor de campo que é o Domingos Quintino. E lá eles prendem o Domingos Quintino que fazem o cerco e esperam o Devanir, que vai lá salvar a família e quando chegam lá tem um grupo do Dops que era comandado pelo Fabio Lessa, e quando chegam lá ele dá uma rajada de metralhadora e ele cai ferido e é levado para o Dops. E aí depois a história a gente vai ver com mais detalhes, mas aí ele é torturado durante três dias, dia cinco de abril, seis e sete de abril à noite quando ele é assassinado. Nós tínhamos informações sobre, tínhamos infiltrados nossos dentro da repressão. Tínhamos uma fonte nossa dentro da Oban e tínhamos pelo menos uma outra fonte dentro do Dops. Na Oban tinha uma outra fonte que não era tão bem informada, alguém tinha falado no ponto que o Devanir ia cobrir no dia cinco de abril, que não era para ele cobrir o ponto no dia cinco de abril. Então, nós cobrimos toda a organização junto com o pessoal da ALN, que a gente trabalhava, atuava intimamente ligado a ALN nessa época, nós fizemos um cordão de proteção ao Devanir e pedimos para ele que não saísse naquele dia, que nós iríamos cobrir o ponto para ele e tudo mais. Mas ele achou que o ponto aberto seria do pessoal do Mrn que era uma outra organização que tinha e achou que estava seguro. Vai no ponto com o Antonio de Camargo Guerra e lá deve ter percebido que tinha sido preso e vai salvar, o que é uma questão lógica, vai salvar o Quintino e é o mesmo caminho feito pela repressão. E lá ele é capturado. Essa informação que vem para a gente da Oban era muito frágil. Só tínhamos essa informação e nós não conseguimos proteger o Devanir, que era o Henrique que a gente chamava ele também foi imprudente, porque ele poderia ter se protegido mais, mas não é uma questão de colocar a culpa em ninguém. Essa é a realidade. A gente tinha pelo menos duas fontes no Dops que nos deu informações. Era mais confiável. Nós, para salvarmos o Bacuri, voltando um pouco à história, quando o Bacuri estava escondido na Vila Rica nós recebemos a informação de que ele estava lá com outro companheiro. Muito tempo depois eu vim saber que era o Reinaldo Murano que veio aqui e contou.

Nós fizemos levantamento dessa informação para tentar invadir a delegacia e salvar o Bacuri e esse outro companheiro que nós não sabemos quem era, mas provavelmente por causa de alguma infiltração da repressão nas nossas organizações, no dia que nós fomos invadir que era feriado de sete de setembro o Fleury tirou os três que estavam lá. O Bacuri, o Reinaldo e a Bácia, que era o nome dessa companheira. E eles ficam rodando a noite inteira com a informação de que a Oban queria invadir. Na realidade éramos nós. E depois eles vão amanhecendo o dia e são levados para o Dops. Na hora que o pessoal foi lá eu não estava nessa ação, e fizeram a ação para invadir a delegacia, o Fleury que era a pessoa que nós vimos pegar e entrar na delegacia, ele não aparece e o Henrique prudentemente liga para a fonte, porque ele tinha dentro do Dops, nós não sabíamos obviamente, tem uma fonte e ele liga para o Dops, então, é Bacuri e mais dois. Então, aí foi suspensa a ação e nós não conseguimos salvar o Bacuri, aí tem essa história do sequestro, o Bacuri é sequestrado e tal. Quando o Bacuri é sequestrado, um outro companheiro liga para o Dops para saber como é que ele estava. E a informação é, está sendo muito torturado, está uma festa em cima dele, e se não fizer alguma coisa ele vai ser morto. Aí nós rapidamente organizamos um sequestro para tentar salvar o Henrique, e a pessoa que ia ser sequestrada era o Teobaldo denigres que era o Presidente da FIESP, mas o tempo que a gente levou para saber que o Henrique tinha caído, salvar a companheira dele, a Pedrina, os companheiros (ininteligível) passava material, passava dinheiro e recebia dele também informes e tudo mais. Eu tinha o ponto com esse companheiro, eu ia fazer, mas em seguida nós fomos capturados. Então, não se pode retomar. Nesse ponto dos que eu estou falando é muito importante porque uma determinação que a organização tinha, era uma organização política diferente de outras organizações é que o grupo de ação não poderia passar de 10 pessoas. Não havia uma política de militante fazer a ação. Isso não existia. Todo militante tinha suas tarefas, mas quem faria parte do grupo de ação era no máximo 10 pessoas. Então, eu era parte dessas pessoas, meu pai, o Rei e tal. Mas tinham várias outras pessoas que não faziam parte disso, que tinham suas tarefas.

Por causa dessa característica, o comando que era basicamente o Devanir, meu pai e o Dimas, os três morrem e não falam nada. O Dimas não chegou a ser torturado, mas foi fuzilado. O Devanir foi muito torturado, mas não falou nem o nome dele e meu pai também não falou absolutamente nada, nem o nome. Então, tudo que eles tinham de informação ficou protegido. Eu que tinha essa informação que era esse contato com esse

companheiro do campo, e contato do Rio de Janeiro era feito por parentes meus lá, eles não sabiam e eu também não falei, então, isso tudo se perde. Contato com o fulano X, se perde. As pessoas que tinham contato não falam. O que cai do MRT é basicamente um grupo de ação e o grupo de apoiadores de um movimento da Freguesia do Ó que era o que o Márcio sabia. Do ABC ninguém é preso, das outras coisas que eram do Rei também ninguém é tocado, e essas pessoas perderam o contato, não sei que fim levou. Existem mas não sei que fim levou isso aí.

Essa proteção de informação era uma preocupação muito grande que se tinha, porque a preocupação do MRT (ininteligível) a história não das mortes, e sim da organização, Movimento Revolucionário Tiradentes.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu acho que foi importantíssimo esse depoimento. Agora eu quero ver se você pode falar um pouco mais do seu pai, do Joaquim Seixas, dos seus irmãos.

O SR. IVAN SEIXAS – A história do meu pai é basicamente a história de operários, meu pai era paraense de Bragança, ele com 19 anos estava morando com a família em Belém do Pará e meu avô que era uma pessoa completamente despolitizada, em um lugar qualquer, um bate boca com um fascista chamado Elísio Castelo Branco que defendia Hitler, dizendo que era bom para o país ter esse fascista. E o meu avô que não tinha nenhuma ligação política protesta dizendo que seria um 'quinta coluna', que era uma expressão que usava um agente de outra potência, reclama que ele estava defendendo um maluco que era o Hitler, defendendo um absurdo que era o fascismo, que ele devia se envergonhar, e o cara, bem mais jovem e mais forte que meu avô, ele espanca meu avô. Tirando as mulheres que eram quatro dos cinco, meu pai é o que vai fazer justiça, é o que vai vingar a agressão sofrida ao meu avô. E o meu pai é o que

encontra esse tal de Castelo Branco no centro da cidade de Belém e dá uma surra nele. Meu pai mais jovem, mais ágil, dá uma surra nele e passa a ser jurado de morte. E aí meu pai faz aquela famosa história, pega um ita no norte e vem para o Rio de Janeiro, fugindo da vingança que o fascista pudesse fazer. Aqui no Rio de Janeiro ele se aproxima do Partido Comunista, dos militantes do Partido Comunista, inclusive gente do Pará como Pedro Palmares que tinham uma certa proximidade, que não se conheciam antes de ele sair de lá e aqui ele se integra. Ele passa a trabalhar como mecânico em uma das empresas de aviação, a PANAIR, e também na Varig (ininteligível) e obviamente que ele tem que sobreviver. Passa a ser abrigado na sede do Partido como funcionário do Partido para poder sobreviver como militante, e lá ele conhece uma Secretária que é datilógrafa da direção do Partido, que é a minha mãe. Se conhecem, casam e vão morar em Porto Alegre.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Deixa eu me situar na cronologia senão eu me perco. O sequestro dos meios da PANAIR ocorre depois do golpe. Aí vem a informação da Varig que era a empresa dos militares associado aos alemães, Ruben Berta e aquela coisa toda. Seu pai faz essa denúncia depois do golpe?

O SR. IVAN SEIXAS – Não. Durante a guerra mundial. Em 1943, 44, ele faz essa denúncia.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Explica um pouco melhor porque talvez fique um buraco aqui na minha mente. Quer dizer, o Getulio já durante a ditadura tentou construir uma empresa de aviação.

O SR. IVAN SEIXAS – Não. A Varig já existia como uma empresa local. A história da PANAIR com o golpe é um pouco mais trágica, porque quem tinha as rotas internacionais do Brasil eram duas empresas. A Cruzeiro do Sul que tinham as rotas internacionais da América do Sul e a PANAIR que tinha para a Europa e para os EUA. A Varig não tinha. Muito depois da acusação do golpe a acusação que é feita é que a Varig promove o golpe para as acusações da PANAIR.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quer dizer que quando o Getulio Vargas tinha aquele namoro com a Alemanha e as potências do eixo é criada a Varig.

O SR. IVAN SEIXAS – Não. Ela já existia há alguns anos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quando a Varig é fundada, você lembra?

O SR. IVAN SEIXAS – Eu acho que em 1930 e pouco. Mas era uma empresa muito pequena. Ela tinha essa ligação, mas essa ligação com o Governo nazista por causa dos sócios que eram alemães. Mas a denúncia é feita em 1943, 44. Essa história da PANAIR ser fechada pela ditadura já é em 64, 20 anos depois.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Seu pai não trabalhou na Petrobras também?

O SR. IVAN SEIXAS – Na época do golpe sim. Bem mais adiante. Quando ele conhece a minha mãe dentro da sede do Partido, isso em 45, os dois casam e eles vão morar em Porto Alegre. Lá ele vai trabalhar como mecânico, como qualquer coisa porque o operário tem que se virar. Aí em 1960 quando nós fomos para o Rio de Janeiro meu pai fez um concurso para Petrobras, foi aprovado e foi contratado como contramestre de mecânica, manutenção de mecânica. Aí ele trabalhando na Petrobras ele vai ficar na Petrobras como operário e ativista sindical, sem nenhuma (ininteligível) salvam os militantes sindicais dessa forma, um deles é o meu pai, que consegue sair. Aí obviamente que tem que se esconder, ficar um tempo escondidos para não serem presos, e depois disso eles foram demitidos por abandono de emprego, para não serem presos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ivan, deixa eu fazer duas perguntas, o Pará foi por muito tempo uma extração muito grande de dirigentes e revolucionário do PCdoB. Os (ininteligível) eram paraenses?

O SR. IVAN SEIXAS – Eram de Obidos, do Pará. O Lobão era de Bragança, da cidade do meu pai.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E o João Amazonas é dessa geração ou ele vem depois?

O SR. IVAN SEIXAS – Ele montou uma empresa em Belém do Pará e ele se contabilizou porque montou uma bandeira com foice e o martelo no alto da empresa e os bombeiros conseguiram, aí virou depois dirigente sindical, mas ele não era sindicalista não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas o seu pai já tinha contato com Somar?

O SR. IVAN SEIXAS – Não. Ele vai ter no Rio de Janeiro.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E uma coisa, no Rio Grande do Sul, quando veio o golpe, o Rio Grande do Sul era o lugar mais protegido do golpe, por causa da resistência do Brizola, já tinha feito a resistência da legalidade para o Jango assumir, e mesmo assim nas refinarias os tanques chegaram no Rio Grande do Sul.

O SR. IVAN SEIXAS – Todas as refinarias, rádios e tudo mais foram tomadas pelas tropas golpistas, que era rota de abastecimento de combustível e tal. E como qualquer golpe, é assim que faz.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Deixa eu dar uma interrompida no seu depoimento. Eu queria dizer o seguinte, chegaram duas testemunhas, a Pedrina e a Isaura Coqueiro. Então, eu queria fazer a seguinte sugestão. Queria fazer uma interrupção nesse momento, o companheiro Basco faz uma fala explicando o que ele está fazendo aqui no Brasil e a gente retoma as outras duas testemunhas. Então, eu queria abrir para a mesa, o Asier Altuna é responsável na América do Sul pelo Partido Basco Sortu, vai falar um castelhano? Um microfone. Se identifica, por favor.

O SR. ASIER ALTUNA – (fala em língua estrangeira).

O SR. IVAN SEIXAS – Inclusive o estigma que existe contra o ETA que na última eleição que o Aznar perdeu, foi usado o nome da ETA porque teve um atentado em que foi usado o nome da Al Qaeda em uma estação de trem e ele aproveitando o estigma contra o ETA, disse que foi o ETA, anunciando e sei lá o que, tentando criar uma comoção e uma onda direitista fascista contra a ETA e contra a esquerda. E ainda bem que foi desmascarado porque não tinha nada a ver com a ETA e sim com a Al Qaeda, e aí ele acabou perdendo a eleição porque a fraude, a farsa foi desmascarada. Esse estigma é muito complicado porque vira e mexe fazem contra a gente e fazem contra a ETA também.

O SR. ASIER ALTUNA – (fala em língua estrangeira).

O SR. IVAN SEIXAS – E a repressão que o movimento independentista (ininteligível) o braço político do movimento de independência. Existiu, era legal e foi fechado, foi tornado ilegal para não dar a impressão política. E aí eles criaram esse Partido que é o Sortu que ele estava me explicando, que mais do que isso é criar uma dimensão eleitoral tão importante que ganhou 120 e poucas Prefeituras na última

eleição. Então, não é um Partido deslocado no movimento político e movimento de massas. Tem uma expressão política considerável. Então, 100 e poucas é uma expressão política que tem que ser levada em conta. Não dá para ignorar simplesmente. Isso é só no lado espanhol. O lado francês é outra história.

O SR. ASIER ALTUNA – (fala em língua estrangeira).

O SR. IVAN SEIXAS – E como ele mora no Brasil há 16 anos e tem filho nascido aqui, a legislação brasileira garante a permanência dele aqui. Então, eu acho que isso é uma coisa que nós temos que estar atentos, porque usar nome falso no Brasil, vários de nós usávamos para nos manter. Então, isso não é um segredo, agora, se ele está há 16 anos aqui, por 16 anos ele não participou de ações armadas no país basco. Então, mais importante ainda, a gente tem uma preocupação porque nós estamos falando tardiamente em Comissão da Verdade no Brasil e tudo mais, a Espanha até hoje não fez uma Comissão da Verdade para falar dos crimes da ditadura do Franco. Um exemplo mais grave que nós temos é o Juiz Baltazar Garzon, porque ele fez a prisão do Pinochet, fez a prisão dos generais argentinos. Até aí tudo bem, mas quando ele falou que deveria ser investigadas as valas clandestinas provocadas pelos fascistas contra os republicanos na ditadura civil espanhola, aí a direita fez por onde tirar o Baltazar Garzon que foi um ex Juiz, foi impedido de trabalhar como Juiz e hoje ele é um advogado. Trabalha como advogado do Julian Assange, do Wikileaks. Então, esse tipo de comportamento é muito fácil você falar de democracia para os outros. Mas internamente tem que ser passado ainda. Agora, falando desse companheiro, é muito complicado porque a gente já teve o caso do Battisti, agora tem esse caso e esses militantes políticos que se envolveram em ações armadas como nós nos envolvemos em ações armadas também, não há nenhum preconceito nisso, esses correm o risco de

serem extraditados e mandados para viverem em seus países. Ronald (ininteligível) viveu aqui muitos anos, nunca ninguém mexeu e sempre tinha alguém para defender porque tinha filho brasileiro, não tinha. Então, só foi para a Inglaterra porque ninguém expulsou, mas essas pessoas em defesa das atividades de (ininteligível) esses correm o risco de serem mandados para lá para serem perseguidos e ou mortos, como era o caso do Battisti que a gente tinha essa certeza. Esse companheiro com certeza corre risco se voltar para lá. Eu acho que esse é um compromisso nosso de garantir a legalidade e impedir que seja um extraditado e possivelmente mortos na Espanha.

O SR. ASIER ALTUNA – (fala em língua estrangeira).

O SR. IVAN SEIXAS – E a língua basca calcula-se que mil anos?

O SR. ASIER ALTUNA – (fala em língua estrangeira).

O SR. IVAN SEIXAS – Antes do latim?

O SR. ASIER ALTUNA – (fala em língua estrangeira).

O SR. IVAN SEIXAS – (fala em língua estrangeira).

O SR. ASIER ALTUNA – (fala em língua estrangeira).

O SR. IVAN SEIXAS – Bom companheiro, com certeza tem a nossa solidariedade individual e tem o apoio da Comissão da Verdade solidária por causa dessa agressão que a gente vê que acontece. Não é uma coisa pequena tentar violar a integridade dele que já está aqui há 16 anos, já criou vínculo com um filho e uma filha que está aqui, o que nós pudermos fazer, nós faremos. Eu já tentei entrar em contato com o Paulo Abrão que era o Secretário Geral de Justiça, mas ele estava em reunião e deve tentar me ligar daqui a pouco. E assim que a gente tiver alguma coisa, nós vamos colocar você em contato com ele para ver o que é possível fazer. Então, fica aqui registrado a nossa total e restrita solidariedade não só a esse companheiro, mas como a luta do povo basco.

O SR. ASIER ALTUNA – (fala em língua estrangeira).

O SR. IVAN SEIXAS – Nós vamos fazer um intervalo para o almoço e voltamos às 14 horas. O Deputado Adriano Diogo precisou sair porque tem que falar com a Comissão Nacional da Verdade e então ele pediu para a gente tocar e encerrar aqui até a volta.

* * *

É FEITO INTERVALO PARA ALMOÇO.

* * *

O SR. IVAN SEIXAS – Trigésima quinta audiência dos casos apurados pela Comissão Estadual da Verdade Rubens Paiva da Assembleia Legislativa de São Paulo sobre os casos de Aderval Alves Coqueiro, Devanir José de Carvalho, Dimas Antônio Casemiro e Joaquim Alencar de Seixas.

Esta audiência pública está sendo transmitida pela TV Assembleia nesse momento, ao vivo, além da TV web, da TV Assembleia.

Vamos retomar começando pelo caso de Aderval Alves Coqueiro, e eu peço a presença aqui junto com a gente da nossa querida Isaura Coqueiro. A Amelinha Teles

vai ler o memorial sobre o Aderval Alves Coqueiro, que está sendo projetado aqui na tela também.

A SRA. A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Aderval Alves Coqueiro, assassinado em seis de fevereiro de 1971. Dados pessoais. Nome, Aderval Alves Coqueiro. Data de Nascimento: 18 de junho de 1937. Local de Nascimento: Aracatu, Bahia. Brasil. Organização política: Movimento Revolucionário Tiradentes, MRT.

Dados Biográficos. Nasceu em 18 de julho de 1937 em Aracatu/BA. Filho de José Augusto Coqueiro e Jovelina Alves Coqueiro. Casado com Isaura Silva Coqueiro, com quem teve duas filhas.

Como candango, participou da construção de Brasília/DF. Desde 1961 passou a viver em São Paulo, onde trabalhava como operário da construção civil. Iniciou cedo sua militância no Partido Comunista Brasileiro, PCB. Desligou-se desse partido e passou a integrar o Comitê Regional do PCdoB, Partido Comunista do Brasil, São Paulo, centrando suas atividades na zona rural.

Posteriormente, ingressou na Ala Vermelha, uma dissidência do PCdoB. Passou a viver em São Bernardo e Diadema na Grande São Paulo, quando trabalhou como operador de máquinas e vendedor autônomo.

Dados sobre sua prisão e morte. Preso em 29 de maio de 1969, na 2ª Companhia da Polícia do Exército, PE, em São Paulo, foi transferido para o DOPS/SP e torturado pelo Delegado Sérgio Paranhos Fleury. Finalmente permaneceu encarcerado no Presídio Tiradentes. Em junho de 1970, foi banido do território brasileiro, por ocasião do sequestro do embaixador da Alemanha no Brasil, Ehrenfried Von Holleben, dirigindo-se para a Argélia com outros 39 presos políticos. Deslocou-se para Cuba, onde realizou treinamento de guerrilha e retornou ao Brasil como integrante do MRT. Coqueiro foi o primeiro banido a retornar ao país.

Regressou ao Brasil no dia 31 de janeiro de 1971, indo morar em um apartamento no bairro Cosme Velho, Rio de Janeiro, onde foi localizado e morto em seis de fevereiro de 1971.

Segundo testemunhas, uma grande área do bairro foi cercada pelos agentes policiais, com o objetivo de evitar sua fuga. Assim que os policiais do DOI-CODI/RJ invadiram o apartamento, começaram a atirar. Coqueiro foi abatido pelas costas, no pátio interno do prédio.

O Jornal do Brasil de oito de fevereiro de 1971 noticiou a sua morte em matéria intitulada, 'Banido retorna, é descoberto e morto a tiros', em que publicou. O informe distribuído ontem às 16 horas pelos órgãos de segurança esclarecia, cerca das 13:30 de hoje, dia seis de fevereiro de 1970, foi localizado na Rua Cosme Velho, 1061, apartamento 202, o terrorista Aderval Alves Coqueiro, banido do território nacional pelo Decreto número 66716, de 15 de junho de 1970 por haver sido trocado pelo Embaixador alemão Von Holleben.

E adiante. Reagiu violentamente a prisão sendo morto no local. O jornal publicou também uma foto em que Coqueiro jaz no chão com o revólver a cerca de 30 cm de sua mão. O Jornal da Tarde de oito de fevereiro de 1971 também noticiou com a manchete: 'Essa morte prova, os banidos estão voltando e assim volta o terrorismo'.

Seu corpo entrou no IML com guia sem número do DOPS. O óbito foi firmado por João Guilherme Figueiredo e teve como declarante Reinaldo da Fonseca Mota. O corpo foi entregue à sua família, que o sepultou no Cemitério de Inhaúma, em 14 de fevereiro de 1971, Rio de Janeiro.

Com o intuito de restabelecer a verdade, 25 anos depois, a Comissão de Familiares voltou ao prédio onde ocorreu a execução de Aderval e ouviu a versão de Francisco Soares, antigo zelador, a qual reproduzimos o trecho abaixo.

'Nesse mesmo dia, após algumas horas, cheguei à janela e vi que o prédio estava cercado por uma centena de policiais civis e a Polícia do Exército, logo depois, o prédio foi invadido por vários homens armados, e foram direto para o apartamento 202. Nesse momento, um oficial mandou que eu saísse da janela. Posteriormente, escutei um militar gritar, atira e mata. Logo depois escutei uma grande gritaria nos fundos do prédio e

vários disparos de armas, que durou somente alguns segundos. Escutei uma pessoa falar: ‘temos presunto fresco’.

‘Quando eu cheguei nos fundos, onde encontra-se a piscina, vi o rapaz do apartamento 202 estirado no chão. Perguntaram se eu o conhecia. Disse que era a pessoa que estava limpando o apartamento 202. Me responderam que ele era um perigoso subversivo chamado Baiano Coqueiro. Observei várias marcas de tiros, não sabendo dizer quantas, estando ele somente de calção, sem camisa e desarmado. Também ouvi o policial dizer: bota a arma do lado dele’.

Nas pesquisas feitas no IML do Rio de Janeiro não foi encontrado laudo de necropsia, nem laudos e fotos de perícia de local no Instituto de Criminalística do Estado do Rio de Janeiro. Apesar da existência das fotos fornecidas, à época, para imprensa.

Providências posteriores. Posteriormente, a Comissão de Familiares encontrou o laudo de necropsia no arquivo do DOPS/SP e adquiriu fotos do cadáver cedidas pela Agência JB, que enviou a Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos fotos atuais do prédio onde ocorreu a morte.

Luís Francisco Carvalho Filho, que era integrante da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, pediu vistas ao caso e solicitou ao IML do Rio de Janeiro o laudo necroscópico de Aderval. Recebeu apenas uma certidão confirmando a data do óbito e informando que a morte ocorreu em consequência de crime, sendo a causa morte ferida transfixante do tórax, lesão do pulmão direito. Em seu relatório asseverou, o episódio teve grande repercussão na imprensa porque Aderval Alves Coqueiro foi o primeiro banido, um dos presos políticos trocados em junho de 1970 pelo Embaixador Alemão Von Holleben, encontrado no Brasil pelos órgãos de segurança. Franquearam o acesso de fotógrafos ao local, mas, aparentemente, não exibiram para a imprensa, salvo o repórter, nenhuma indicação da alegada resistência a tiros. Disparos de arma de fogo, no entanto, deixam vestígios, provocam danos. O fato é que não se tem conhecimento nem do número de tiros, supostamente disparados por Coqueiro.

Aumenta a estranheza em relação à falta de empenho dos agentes em exhibir para os jornalistas os sinais do suposto ataque armado, com a leitura da reportagem juntada

as folhas 110. Com efeito, segundo a matéria, alguns dos participantes da operação que acabou com a localização de Aderval acham que a nota distribuída pelo Exército foi muito lacônica e deveria ter enfatizado o diálogo mantido entre os agentes e o terrorista.

A reportagem prossegue. Do jeito que a coisa foi posta, diz um dos oficiais, parece que pegamos um homem desarmado, desprevenido e o matamos covardemente. Foi ele que atirou primeiro e nós tivemos que entrar atirando também. O jornalista não iria inventar um diálogo relacionado com o mundo da segurança nacional naquela altura da história brasileira. Há uma fonte militar (ininteligível) oficial, em off, apesar do desconforto do oficial diante da timidez da nota do Exército, nenhum outro indício da reação armada foi publicado pelo jornal.

E além do laudo necroscópico não foi localizado qualquer outro documento indicando, materialmente, a ocorrência de um efetivo tiroteio entre o militante e os agentes. Não faria sentido o desaparecimento da prova que confirmasse o tiro ou os tiros desferidos por Coqueiro.

Segundo a mesma reportagem, os oficiais que participaram da operação disseram que teriam preferido pegar Aderval vivo para, e através de seu depoimento chegar até os outros. Seis terroristas que estão no Brasil no eixo Rio-São Paulo. O raciocínio é lógico, mas não pode ser descartado ou descartada a hipótese de execução, justamente para desencorajar o retorno de outros banidos ao país. A eliminação sumária dos chamados terroristas fazia parte da estratégia dos órgãos da repressão.

Finalmente o oficial diz à reportagem que Coqueiro teria sido localizado graças ao depoimento de Rubens Paiva, acrescentando que foi durante uma batida para localização da vítima que ocorreu o sequestro do parlamentar por um suposto grupo de guerrilheiros e seu consequente desaparecimento. Mas, a versão de que Rubens Paiva foi sequestrado por guerrilheiros é insustentável. Ele morreu em estabelecimento militar. Não há muita lógica na tentativa de se relacionar um episódio ao outro, mas o encadeamento de mentiras mina a credibilidade da versão. Não é tudo. As fotos obtidas junto a Agência JB indica, com absoluta clareza, que a vítima não foi abatida no local em que se encontrava o corpo. O cadáver foi arrastado para lá. As manchas de sangue no piso são visíveis e indicam o movimento. O revólver, portanto, também não poderia se encontrar naquela posição na mão direita. As fotos indicam ainda que o cadáver de Coqueiro apresentava outras lesões além das feridas transfixantes do tórax e abdômen

mencionados na certidão de óbito e em parte no documento encaminhado pelo IML. Há nítidos sinais de ferimentos na cabeça, na nádega esquerda e na perna direita. Há uma situação de cerco e uma morte não esclarecida. Os elementos de prova reunidos se harmonizam com o depoimento do zelador. Há fortes indícios de que a cena foi montada. Não haveria motivo para a montagem da cena se o militante de fato tivesse reagido a tiros à voz de prisão. O militante foi encurralado. O prédio estava isolado e cercado por um poderoso aparato policial composto, segundo os jornais, por 50 homens armados mais do que suficiente para a detenção.

O pedido da família no caso da Lei 9140/95 tem o número 244/96. Foi acolhido por unanimidade pela Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos em sete de agosto de 1997, sendo relator o Deputado Nilmário Miranda com pedido de vistas e o voto favorável de Luís Francisco Carvalho Filho.

Informações extraídas do Dossiê Ditadura: Mortos e Desaparecidos Políticos no Brasil 1964-1985, feito pelo IEV, Instituto de Estudos sobre Violência do Estado e editado pela Imprensa Oficial, São Paulo, 2009.

O SR. IVAN SEIXAS – Isaura, por favor, vem ficar com a gente aqui. O procedimento que a gente tem adotado aqui na Comissão é sempre a primeira coisa um registro do fato e o registro principalmente da vida da pessoa que está sendo analisado o caso. Porque não é uma pessoa que entrou para história porque morreu. É uma pessoa que teve uma vida. Por isso que a gente faz o registro com a família, que pode ser aquela que buscou a verdade ao longo da história, como é a maior parte dos casos das famílias, e depois se faz os testemunhos, todas as coisas que a gente pode acrescentar para elucidação da verdade.

Com esse objetivo, a gente vai ouvir agora a Isaura Coqueiro, que é viúva do Baiano, viúva do Coqueiro, Aderval Alves Coqueiro, um companheiro muito querido de todos os que o conheceram.

Isaura, por favor. Não é para você se preocupar. Fala o que você sente.

A SRA. ISAURA COQUEIRO – Nos conhecemos na Bahia, casamos na Bahia, na cidade de, era uma cidade pequena, de campo (ininteligível). Aí nos casamos e depois ele resolveu vir para Brasília buscar uma situação melhor de trabalho.

E chegou em Brasília, tivemos primeiro uma filha na Bahia, aí ele ficou um ano e pouco trabalhando, trabalhou em Brasília, foi candango lá nos prédios ajudando construir Brasília. Aí se integrou no Partido Comunista depois, em Brasília, já começou lá. Eu lembro uma época que ele falou comigo que ele está indo em umas reuniões assim, já integrado.

Aí veio para São Paulo, resolveu vir para São Paulo, viemos para São Paulo e aqui ele se integrou em São Bernardo, nos sindicatos, começou a trabalhar nas metalúrgicas. Se integrou e passou para Ala Vermelha, da Ala Vermelha foi onde ele passou para o MRT. Quando ele morreu já estava na MRT.

Dáí foi preso. Depois que teve toda essa, foi depois de 64, 67, por aí, que teve a cassação nas fábricas, ele ficou clandestino. Aí se integrou, ficou clandestino e a gente vivia sempre clandestino. Depois de 69 ele foi preso, ficou um ano preso e depois foi banido para Argélia, como ela falou, já está tudo declarado aí.

De lá ele retornou ao Brasil com oito meses, porque eu não sabia como foi à entrada dele no Brasil, não sabia como foi à morte dele. Agora, depois de 40 anos que eu fui saber como é que ele entrou, quem recebeu ele, como ele chegou no Brasil. Então fiquei sabendo agora, em 40 anos.

Aí ele voltou para o Brasil. Acho que quando ele voltou mataram ele no Rio de Janeiro e eu fiquei sabendo através de televisão, que eu nem sabia que ele estava no Brasil. Não sabia que ele tinha chegado no Brasil. Aí procurei o corpo, eu e meu sogro, viajamos para o Rio, procuramos, conseguimos localizar o corpo dele, entregaram o corpo e a gente fez o enterro e tudo.

Depois de um ano eu resolvi sair do Brasil. Os companheiros acharam melhor eu sair do Brasil porque a situação não estava boa, com duas crianças pequenas. Inclusive a Rose Nogueira que ajudou a saída da gente do Brasil porque a gente não tinha condições de sair.

Fiquei no Chile, morei no Chile um ano e pouco. Do Chile fui para Cuba. Estava o golpe de Estado todos os dias no Chile, a situação não estava boa, eu achei que era melhor sair. Não podia voltar para o Brasil naquele momento, que era melhor ir para Cuba. Aí fui para Cuba, morei sete anos, voltei depois da anistia. Voltei depois da anistia.

Todos esses anos, nós fomos de família camponesa, que eu esqueci de falar. Ele já de origem camponês, eu também, família pobre da Bahia. Depois que eu voltei do exterior, todos esses anos eu tentando saber como é que foi a entrada dele no Brasil, como é que ele foi preso, como é que mataram ele e não sabia. Agora, com 40 anos eu descobri, consegui estar ciente de tudo, como é que foi a morte dele, a chegada dele no Brasil, quem recebeu ele, quem foi pegar ele.

E agora, posso falar mais o que? Acho que não vou falar mais nada. Deixa para Célia.

O SR. IVAN SEIXAS - Você fala o que você quiser. Não é obrigação. A gente, essa história da volta do Coqueiro, ela tem uma história que a Celinha, a filha do Coqueiro que levantou, ela está chegando, está presa no trânsito, e ela vai contar. Mas, enquanto o Coqueiro estava preso, aqui no Brasil ainda, a Isaura tinha contatos com a organização.

A SRA. ISAURA COQUEIRO – É. Eu esqueço. Estou falando que eu esqueço tudo.

O SR. IVAN SEIXAS - É uma curiosidade que durante muitos anos eu me referia, que eu ia cobrir ponto junto com Henrique, com o Devanir, com as cunhadas

dele, achando que eram mulheres dos irmãos dele, e recentemente, conversando com a Isaura, eu falando isso, ela falou assim, então você era o rapaz que sentava lá atrás. Eu ficava dentro do fusca de olho fechado, não podia olhar para ela, e ela não olhava para mim, e também na Kombi eu ficava no chão atrás, para não vê-la também e fazendo a segurança. E recentemente ela falou que ela era uma das cunhadas, que na realidade o Henrique, o Devanir e o Coqueiro tinham um laço de amizade muito grande, que eram como irmãos. Falavam do Deva que era o Aderval, eu sempre imaginei que Deva era o Devanir, mas não era, era de Aderval.

Mas, como é que era essa sua ligação enquanto ele estava preso com o Devanir? Vocês tinham contatos?

A SRA. ISAURA COQUEIRO – A gente se encontrava, eu levava as informações para ele lá na cadeia, que o Devanir pedia, e de lá também, trazia de lá também. Eles passavam para mim, eu passava para ele. A gente durante um ano foi assim. Durante um ano que eu visitei ele na cadeia, a gente teve esses contatos. Devanir tinha os contatos, tinha que passar os contatos.

O SR. IVAN SEIXAS - E depois que ele morreu e você saiu do país, como é que foi a saída e como é que foi principalmente viver no exterior? Porque acho que a grande questão que a gente sempre fala dos heróis, a gente sempre se esquece das verdadeiras heroínas que eram as viúvas. Que elas carregaram os filhos, elas mantiveram a unidade da família e conseguiram trazer até os dias de hoje essas pessoas, que são os filhos, que são vítimas também. Mas a força e a garra que vocês mulheres tiveram para manter os filhos juntos foi sempre uma coisa admirável. Como é que foi isso?

A SRA. ISAURA COQUEIRO – Foi difícil, mas, como se diz, a força de vontade era maior. Foi difícil, como eu te disse, para mim. Eu estava no Chile, não estava fácil. Mas depois que eu fui para Cuba aí sim, lá a gente tinha todo o apoio. Estava segura, com todo apoio, segurança, então foi mais fácil esses anos que eu vivi fora, em Cuba. Aí, como eu te disse, quando retorna ao Brasil, de novo, a mesma situação, começa tudo de novo, cai na realidade de novo.

O SR. IVAN SEIXAS – Eu queria que a Pedrina desse um depoimento dessa relação do Devanir com o Coqueiro. A Pedrina, ela é viúva do Devanir José de Carvalho e são amigas até hoje, a Isaura e a Pedrina. E a relação do Devanir com o Coqueiro é uma coisa muito forte, que eu vivi próximo do Henrique na militância e eu sou testemunha de como ele sofreu quando o Coqueiro caiu. Ele ficou muito indignado, que ele não esperou o esquema da organização trazê-lo, ele veio por um esquema que era da VAR-Palmares e ele ficou muito, muito triste, muito abatido, inclusive ele escreveu um artigo para o jornal da organização falando isso, de como era valoroso, não sei o que, e da tristeza dele com relação à perda desse companheiro e amigo. Por isso eu queria que a Pedrina falasse um pouco sobre essa ligação que os dois tinham.

A SRA. PEDRINA JOSÉ DE CARVALHO – Boa tarde para todos. Foi muito, era muito importante o companheiro Aderval, e eles eram muito ligados, que era desde jovem, amigos e companheiros. E não só do Aderval, mas do Bacuri também, que era como irmãos, tinha muito carinho, um respeito tremendo, e nós também como irmãs, que desde mocinha, a Isaura tinha só a Sueli quando nós conhecemos. É isso aí não é, Isaura.

O SR. IVAN SEIXAS – Bom, nós vamos aproveitando já que a Dina está aqui, nós vamos agora baixar a tela e ler o Memorial sobre o Devanir e em seguida a gente vai fazendo os outros depoimentos também, enquanto a Célia não chega, que deve estar parada no trânsito ainda. Então você aproveita e fala que foi companheira do Devanir no PCdoB.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Boa tarde. Eu vou ler agora os dados pessoais e biográficos e as circunstâncias do assassinato do Devanir José de Carvalho, que a gente chama Memorial. Nós vamos ler um Memorial do Devanir José de Carvalho. E antes de ler, eu queria lembrar o seguinte, eu fui militante do PCdoB, Partido Comunista do Brasil. Militei no Rio de Janeiro e o Devanir militou lá também no Rio de Janeiro, com o Partido Comunista do Brasil, então eu cheguei a ser companheira de militância do Devanir, que na época não tinha o nome de Henrique, era outro nome que eu estou tentando lembrar aqui, mas não era Henrique.

O Henrique era aqui em São Paulo. Você lembra o nome? E houve momentos até que eu, na clandestinidade, nós tínhamos, ela tinha o primeiro filho, e às vezes a companheira tinha que ter uma atividade, o companheiro também, então eu ficava com o filho mais novo, que era o Carlinhos. Então eu fui um pouquinho mãe do Carlinhos também e ele brinca comigo, diz que eu embalava ele com a internacional, cantando internacional.

Devanir José de Carvalho, assassinado em sete de abril de 1971. Dados pessoais. Devanir José de Carvalho. Nasceu em 14 de julho de 1943 em Muriaé Minas Gerais, Brasil. E pertencia à Organização política, Movimento Revolucionário Tiradentes, MRT.

Dados Biográficos. Era filho de Ely José de Carvalho e Esther Campos de Carvalho. Casou-se com Pedrina José de Carvalho, com quem teve dois filhos, Carlos e Ernesto.

Nos anos de 1950 seus pais se mudaram para São Paulo em busca de melhores condições de vida. Ele e seus irmãos Derli, Joel, Jairo e Daniel foram trabalhar no

ABCD Paulista, no início da instalação das indústrias metalúrgicas e automobilísticas. Ainda adolescente aprendeu com o irmão mais velho o ofício de torneiro mecânico e desde então passou a trabalhar nas indústrias da região como Villares e Toyota.

Em 1963 ajudou a fundar o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, participando ativamente da sua organização e da realização de greves. Ingressou no PCdoB e após o golpe de 1964 mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde passou a trabalhar como motorista de táxi.

Em 1967 começou a militar na Ala Vermelha, uma dissidência do PCdoB, voltando para São Paulo.

Em 1969, desligou-se da Ala Vermelha e com outros companheiros fundou o MRT, em outubro daquele ano. Devanir fez treinamento de guerrilhas na China, participou e comandou inúmeras ações armadas contra a ditadura. Ele é Eduardo Collen Leite, o Bacuri, Dirigente da Rede Resistência Democrática deram início ao que viria a ser depois a Frente Armada Revolucionária junto com a VPR, Vanguarda Popular Revolucionária.

Ao realizar o sequestro do Cônsul Geral do Japão em São Paulo, Nobuo Okushi, em março de 1970, quando cinco prisioneiros políticos e três crianças foram trocados pelo Diplomata.

Dados sobre sua prisão e morte. Documentos do Serviço de Informação do DOPS/SP informa que, em cinco de abril de 1971, às 11 horas, 9:50 horas, o terrorista Devanir José de Camargo, ocupando Volks cor azul chapa fria AE 3248, portando metralhadora, manteve tiroteio com policiais que resultou ferimentos graves no terrorista, que não resistindo aos ferimentos morreu.

Segundo a requisição de exame necroscópico foi morto em via pública na Rua Cruzeiro, 111.

Conforme depoimento de Ivan Seixas, ex-presos político e militante MRT à época, Devanir foi capturado nessa Rua Cruzeiro, 111, no Bairro do Tremembé, zona norte de São Paulo, quando tentava resgatar um companheiro e sua família que moravam nesse endereço.

Levado vivo para o DOPS/SP Devanir foi torturado até a morte durante três dias seguidos. Segundo Ivan o Delegado Fleury por diversas vezes mandara avisar a Devanir que fazia questão de prendê-lo vivo para torturá-lo até a morte. Ivan Seixas relatou o que ouviu. ‘Quando fui preso, em 16 de abril de 1971, ouvi vários torturadores do DOI-CODI do Segundo Exército contarem detalhes sobre a morte de Henrique’, nome de guerra de Devanir. ‘Esses torturadores diziam que fariam comigo o que Fleury fez com teu chefe, o Henrique’. ‘Quando fui transferido para o DOPS/SP ouvi de vários carcereiros e policiais que teu chefe aguentou três dias de tortura de não falou nada. Quando fui levado para interrogatório pelo torturador Carlinhos Metralha, Carlos Alberto Augusto, ouvi dele que Devanir tinha sido preso, ferido e torturado até a morte pelo Delegado Fleury’.

O laudo de necropsia assinado pelos legistas João Pagenotto e Abeylard de Queiroz Orsini confirmou a versão policial de que Devanir teria sido morto em tiroteio em cinco de abril, apontando como causa mortis choque hemorrágico e anemia aguda decorrente de hemorragia traumática externa e interna por disparos de arma de fogo. Descreve seis entradas e saídas de projéteis, sendo um na cabeça, quatro no tórax e um na coxa esquerda. Não apresenta, porém a descrição da trajetória dos projéteis. A requisição de exame necroscópico está assinalado com ‘T’ em vermelho e registra como sua profissão terrorista. A resposta ao quarto quesito do laudo, onde consta a pergunta se a morte foi produzida por meio de veneno, fogo, asfixia, tortura ou por outro meio insidioso cruel a resposta é ‘prejudicado’.

As fotos da necropsia de Devanir nunca foram encontradas nos arquivos do IML ou do DOPS/SP.

O corpo de Devanir José de Carvalho foi sepultado no Cemitério da Vila Formosa, mas, segundo a certidão de óbito emitida em 20 de outubro de 1995, teria sido sepultado no Cemitério de Perus. Seus restos mortais nunca foram recuperados visto que seus pais, irmãos, esposa e filhos tiveram que de exilar para escapar da repressão militar.

A família Carvalho, além de Devanir, perdeu dois outros membros. Daniel e Joel, que constam da lista dos Desaparecidos Políticos do anexo um da Lei 9140/95. Na Comissão Especial de Desaparecidos políticos, o caso de Devanir teve como relator Nilmário Miranda e foi deferido por unanimidade em 29 de fevereiro de 1996. Em sua

homenagem a cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, deu seu nome a uma rua do bairro das Indústrias.

Agentes policiais. Preso pela equipe do DOPS/SP, esquadrão da morte enviado pelo Delegado Sergio Fleury a serviço da ditadura militar. As torturas aplicadas em Devanir foram comandadas pelo Delegado Sérgio Fleury e sua equipe, mas contou também com a participação ativa do Capitão Ênio Pimentel Silveira, de vários agentes do DOI-CODI do Segundo Exército e da provável supervisão do Cônsul dos Estados Unidos em São Paulo Claris Rowney Halliwell, como já foi denunciado em audiência pública sobre as informações dos livros de entrada do DOPS/SP. Essas informações foram extraídas do Dossiê Ditadura: Mortos e Desaparecidos Políticos no Brasil, 1964-1985, feito pelo IEV, Instituto de Estudo sobre Violência do Estado e Imprensa Oficial. São Paulo, 2009.

O SR. IVAN SEIXAS – Para registro, eu gostaria que a Dina, Pedrina José de Carvalho, falasse um pouco quem era o Devanir, como era ele e inclusive as correções que você estava me observando aqui que tem que ser feita nesse histórico.

A SRA. PEDRINA JOSÉ DE CARVALHO – Devanir tinha os seus ideais e eu também acreditava. É muito difícil para a gente relembrar, mas é preciso. Eu tive presa com a mãe do Ivan, com as duas irmãs, e foi terrível. A gente ouvia as torturas do pai dele. Eu falei para ela, como você saber Fanny? Não é. Ela pediu para levantar, nós ajudamos ela a levantar até o vitral para escutar mais. Daí ela falou, é o meu marido. E torturaram muito tempo. A gente ouvia os gritos, então foi muito difícil para a gente. E meu marido nessas alturas já tinha sido morto. Foi quando eles chegaram à casa do Dimas e levou eu, a Maria Helena, que é a mulher do Dimas, meus filhos e o filho do Dimas. Daí nós fomos para a Operação Bandeirantes.

Depois nós levamos as crianças para a casa do meu sogro, porque eles queriam levar para o juizado de menor, aí eu pedi que levasse para a casa do meu sogro

porque tinha as avós materna e paterna. Daí eles resolveram levar. Mas foi muito difícil para a gente. As percas, cada dia você via que caia um companheiro. Muito, muito difícil.

O SR. IVAN SEIXAS – Como é que era o Devanir antes de tudo isso?

A SRA. PEDRINA JOSÉ DE CARVALHO – Era uma pessoa excelente. Um bom filho, um bom marido, bom pai, bom companheiro e amava o Brasil.

O SR. IVAN SEIXAS – O Devanir é uma figura que a gente passou a respeitar e gostar porque era uma figura que tinha uma, não só a determinação que um revolucionário tem pela causa, pelo país, como a Dina está falando, mas a coisa que mais impressionava era o carinho que ele tinha pelos filhos e o carinho que ele tinha pela Dina.

Recentemente foi inaugurado no Arquivo do Estado uma exposição de fotos chamada Ausências, em que tem fotos das pessoas em vida, depois é uma foto igual sem aquela pessoa, para mostrar que ela está fazendo falta. Varias famílias tem a foto da família inteira e depois tem a foto da família menos o desaparecido, o assassinado. E eu fui lá para ver, como faço isso muitas vezes, nós todos fazemos. Mas eu cheguei lá e levei um susto muito grande porque nós tínhamos como norma não deixar fotos para não servir para ser perseguido, e chegando lá eu vi uma foto do Henrique junto com os dois filhos, um mês antes de ele cair. E a foto de longe para não ser reconhecido. E eu levei um choque muito grande porque eu conhecia ele, andava com ele para cima e para baixo, e eu sei que ele andava super armado porque ele era odiado. Acho que a pessoa mais procurada na época porque era o que comandava as ações da esquerda armada aqui em São Paulo.

E de repente eu vejo o Henrique de camisa, com os dois filhos. Ele acorrido junto com os dois pequeninhos e aquilo foi um choque muito grande para mim de vê-lo ali, imaginando onde ele tinha guardado as armas, como que ele teria acesso às armas caso a repressão chegasse. Mas ali ficou marcado para mim também esse amor que ele tinha pelos filhos, porque ele larga a militância que ele tanto prezava e vai com os filhos para uma praça, depois a Dina me falando que foi lá em São João Clímaco, e aí vai ter um momento com os filhos. Então isso é uma coisa muito marcante.

A SRA. PEDRINA JOSÉ DE CARVALHO – Então, foi muito difícil, eu descobri a praça, meu filho passou vários dias rodando, olhou aonde que era o sol da tarde, se era da manhã. Foi muito emocionante também quando ele viu que era o lugar. Porque o Carlos é o maior, então ele lembrou que deveria ser ali mesmo.

O SR. IVAN SEIXAS – Eu vou ter que dar um testemunho aqui, porque a gente quando, no dia cinco de abril a gente tinha, como eu falei de manhã, a gente tinha uma fonte nossa, um informante nosso dentro do DOI-CODI que nos mandou a informação dizendo para o Henrique não cobrir o ponto do dia cinco, ele não sabia por que, quem era esse ponto. Nós ficamos muito apreensivos, pedimos para ele não sair às ruas que a gente cobriria os pontos, para preservar. E ele achou que não precisava e ele acabou caindo. Nós não conseguimos saber como é que foi naquele primeiro momento, e ele falta a todos os pontos daquele dia cinco, que era uma segunda feira, e aí, no dia seguinte, no dia seis, nós fomos cobrir o ponto com o que era chamado emergência, quando a pessoa faltava nos pontos comuns. No dia seguinte tinha um ponto que era para emergência, que era para qualquer eventualidade retomar o contato. E quando a gente chega lá às nove horas da manhã no ponto não está o Henrique. Aí nós realizamos que ele tinha caído. Então está lá a Dina, de óculos escuros, dava para ver que estava chorando, os dois filhinhos e duas sacolas. A gente olha em volta para ver se não tem nada, bota eles dentro do carro e saímos correndo dali para poder dar segurança.

Levamos a Dina e as crianças para casa do Rei, do Dimas, e de lá nós saímos com a Dina para fazer o resgate da cada deles, do aparelho deles. E lá nós fomos em comboio com três carros, uma Kombi, e dois fuscas para a gente pegar o que tivesse da família, documentos da organização, armas e tudo mais. E nós fomos para lá. Era na zona sul, uma travessa da Washington Luís já bem depois do Aeroporto e lá nós obviamente entramos com os dois fuscas primeiro para ver se tinha algum cerco, alguma coisa assim. Como não tinha, nós paramos com a Kombi e tiramos todo o material que tinha lá. As armas, os documentos e roupas e objetos pessoais do Dina, do Henrique e dos dois meninos e voltamos para casa do Dimas. Largamos tudo e saímos para salvar o Quintino, Domingos Quintino dos Santos, que era o Camponês. E aí nós percebemos o que tinha acontecido.

O Henrique foi cobrir um ponto com o Márcio, que era o Antônio André de Camargo Guerra, ou não viu ou viu que tinha o cerco e foi salvar o Quintino. E nós fomos lá para o Tremembé na Rua Cruzeiro, 111, que era uma rua sem saída, de terra, para tentar salvar o Quintino e a família dele. Chegando lá a casa já estava tomada. Nós passamos em frente, rua de terra levanta uma poeira, fomos até o final e voltamos e vimos que os policiais estavam lá. Os policiais do DOPS. Então percebemos que deve ter sido aqui ou pelo menos aqui é uma das possibilidades do Henrique ter caído. Aí saímos de lá e fomos para tentar salvar mais alguma coisa ligada ao Henrique. O Márcio também não voltou, então deduzimos que ele tinha caído também.

Com isso nós protegemos a família, ficou na casa do Dias, e conseguimos ter estrutura para fazer alguma coisa para salvar o Devanir, que foi aquilo que eu falei de manhã, da tentativa de se fazer um sequestro do Presidente da FIESP.

Recentemente nós identificamos nos livros de entrada do DOPS, que foi motivo de uma audiência pública aqui na Comissão da Verdade, lá tem, no dia cinco de abril vai para lá o Capitão Ênio, chega lá 10 e pouco e provavelmente o Henrique não tinha chegado ainda. Ele sai cinco minutos depois e volta 12:30 daquele dia. Ele chega ao 12:30 e 12:35 entra o Cônsul dos Estados Unidos, Claris Rowney Halliwell e não tem horário de saída. Como quem esteve preso no DOPS sabe que torturavam e todo mundo ouvia no prédio inteiro e nas redondezas, é óbvio que o Capitão Ênio e vários outros torturadores da OBAN que vão para lá vão para torturar o Devanir.

Ao mesmo tempo o Cônsul americano está lá dentro e não sai também. Ele não tem horário de saída. Então permite que a gente conclua que na realidade ele participou das torturas. Não só o Halliwell, que vai periodicamente, quase toda semana vai lá para o DOPS. Um Cônsul frequentar um aparelho de repressão não é uma coisa normal, a não ser que fosse alguém ligado à tortura. E o que se sabe, efetivamente, é que o Henrique ficou sendo torturado durante esses três dias.

Essa história que é citada no Memorial, que eu ouvi do Carlinhos Metralha, isso aconteceu da seguinte maneira. Eu estava sendo transportado para interrogatório pelo Carlinhos Metralha e mais um outro e ele me perguntou, de que organização você era? E eu, para afrontá-lo eu falei, eu sou do MRT. Ele falou, do Devanir? Eu falei, é. Meu Comandante Henrique. Ele falou, você sabe que nós matamos ele no pau aqui. Passou três dias e o Doutor Fleury, que ele se refere assim, o Doutor Fleury resolveu matar porque ia se transformar em um segundo Bacuri. Ele não falou nada, chegou aqui deu uma cusparada na cara do Fleury, de sangue e o Doutor Fleury falou para ele, te peguei Henrique. Agora vou te matar no pau. Aí ele deu uma cusparada na cara do Fleury e começaram as torturas. Então isso não é uma coisa que alguém me contou. Eu ouvi do próprio Carlinhos Metralha essa história. E na OBAN também, alguns torturadores falaram, moleque, você vai morrer igual o Fleury matou teu chefe, o Henrique.

Então isso tudo é para se concluir que essa história do Capitão Ênio, quem era o Capitão Ênio Pimentel Silveira? Era o cara que na OBAN era conhecido como Nazistinha ou Doutor Ney. Era o responsável pelas execuções. Era o cara que torturava. Ele me torturou pessoalmente, torturou meu pai e torturou muitos outros. Os irmãos do Henrique que morreram na emboscada que foi armada lá em Foz do Iguaçu morreram nas mãos desse Doutor Ney, que ele era o que comandou a operação de assassinato lá, desse massacre. Ele é o cara que tem uma participação ativa na morte de várias pessoas, na construção do sítio 31 de março lá em Parelheiros, onde várias pessoas foram torturadas e assassinadas, ele montou um aparelho clandestino da repressão atrás de uma boate, boate Querosene, em Itapevi. Torturava e matava as pessoas lá. E a característica dele, são duas características. Ele falava para os seus comandados, seus cúmplices, crema. Era a frase que ele usava para dizer mata. Então era para matar. Então ele dizia, crema. E a segunda característica é, na Casa da Morte ele matava as pessoas, segundo relato do ex-Sargento Marival Chaves do Canto Dias, ele matava com injeção de matar cavalo, que era a chamada shelltox, que era o nome dessa injeção. Ele

executava as pessoas com um veneno fortíssimo, que é aquele que usa para sacrificar cavalos.

Esse Doutor Ney, Capitão Ênio Pimentel Silveira, ele vai ao DOPS para esse ciclo de horrores que foi montado em torno do Devanir. E o Devanir, só para encerrar o que eu estou falando, é uma das pessoas que todos que conheceram, era um valor muito grande, uma pessoa muito sensível, muito correta e de um compromisso com a luta revolucionária que não tem igual. Ele deu a vida, coerentemente, com o que sempre pensou. Formação política de um operário e conseguiu ter uma trajetória de vida que deve ser marcada e deve ser lembrada para sempre como sendo um dos heróis do nosso país.

Pedrina, você quer falar mais alguma coisa? Muitas coisas que eu estou falando aqui você nunca tinha ouvido, mas...

A SRA. PEDRINA JOSÉ DE CARVALHO – Realmente não tinha mesmo.

A SRA. THAIS BARRETO – Meu nome é Thais Barreto. Eu trabalho aqui na Comissão. Vou ler agora uma pequena biografia sobre o Joaquim Alencar de Seixas, assassinado em 17 de abril de 1971.

Data de nascimento, dois de janeiro de 1922. Local de Nascimento, Bragança, Pará, Brasil. Organização Política, Movimento Revolucionário Tiradentes, MRT.

Dados biográficos. Nasceu em dois de janeiro de 1922 em Bragança, Pará. Filho de Estolano Pimentel Seixas e Maria Pordeus Alencar de Seixas. Era casado com Fanny Axelrud de Seixas, com quem teve quatro filhos. Operário, iniciou sua militância política aos 19 anos de idade.

Trabalhou como mecânico de aviões em diversas empresas, entre as quais Varig, Aerovias e PANAIR. Perdeu o emprego várias vezes em razão de sua militância

política. Na Varig, cujos proprietários eram de origem alemã, apresentou denúncia contra a empresa, mostrando a ligação que havia entre ela, o Governo Nazista da Alemanha e o de Getúlio Vargas. Por esta razão perdeu o emprego.

No Rio de Janeiro tornou-se militante do PCB, partido que esteve ligado até 1953. Logo após a queda de Getúlio Vargas, em 1954, já casado com Fanny, mudou-se para o Rio Grande do Sul.

Em 1964, quando ocorreu o Golpe de Estado, trabalhava na Petrobrás, como encarregado do setor de manutenção e militava no movimento sindical petroleiro. Seixas e vários líderes do movimento sindical simularam um acidente para poderem escapar do cerco organizado pelo Exército, que já havia tomado a Refinaria Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Usando tanques de guerra, carros de combates e muitos soldados armados, as forças armadas prenderam algumas lideranças operárias. Para furar o cerco, o setor de segurança da Refinaria acionou o alarme contra acidentes e as ambulâncias puderam transportar os líderes cobertos com lençóis.

Durante vários meses, Seixas e seus companheiros sindicalistas tiveram suas casas vigiadas por policiais e ficaram escondidos. Quando diminuiu a perseguição voltaram para o trabalho e foram demitidos. Seus nomes passaram a fazer parte de listas, o que não lhes permitia encontrar emprego. No fim de 1964 Seixas e a família retornaram ao Rio Grande do Sul, onde ele trabalhou como marceneiro durante dois anos. Depois montou postos de gasolina, construindo tanques e tubulações de combustíveis até 1967, quando foi contratado como encarregado do setor de mecânica da Pepsi-Cola de Porto Alegre/RS.

Sem abandonar sua atuação política, participou do movimento de resistência à ditadura militar, no Rio Grande do Sul. Escapou várias vezes de ser preso, mas testemunhou a prisão de companheiros com o ex-sargento do Exército, Manoel Raimundo Soares, morto em 1966, após três meses de tortura nos cárceres gaúchos.

Após ser demitido da Pepsi-Cola, não mais conseguiu emprego. Assim, Seixas e sua família se mudaram novamente para o Rio de Janeiro. Até conseguir nova colocação, trabalhou como motorista de táxi. Seu último emprego foi na Coca-Cola de Niterói/RJ, como chefe do setor de mecânica e manutenção.

Mudou-se para capital paulista em 1970, onde passou a militar no MRT, tornando-se um de seus dirigentes.

Dados sobre sua prisão e morte. Em 15 de abril de 1971 uma ação conjunta do MRT e ALN justicou o então Presidente da Ultragaz e Diretor da FIESP, Albert Boilesen, financiador e instrutor de torturas da OBAN, posteriormente reorganizada como DOI-CODI.

A ditadura colocou em ação uma vasta operação de assassinatos para dar uma resposta macabra à perda de seu grande financiador. Nos dias 16 e 17 foram presos e, em seguida, assassinados, Dimas Antônio Casemiro e Joaquim Alencar de Seixas, militantes do MRT acusados de participar da execução de Boilesen.

Seixas foi preso junto com seu filho Ivan, na Rua Vergueiro, altura do número nove mil, no dia 16 de abril de 1971. Do local da prisão, ambos foram levados para a 37ª Delegacia de Polícia, que fica na mesma Rua Vergueiro, na altura do número seis mil, onde foram espancados no pátio do estacionamento, enquanto os policiais trocavam os carros usados para o esquema de prisão.

A repercussão na imprensa do país, controlada pela ditadura, foi imediata e coerente. Seixas foi preso em São Paulo junto com seu filho Ivan na Rua Vergueiro, altura do número nove mil, em 16 de abril de 1971. Do local da prisão, ambos foram levados para a 37ª DP, na mesma Rua Vergueiro, na altura do número seis mil, onde foram espancados no pátio do estacionamento, enquanto os policiais trocavam os carros usados naquela operação.

Em seguida, foram levados para o DOI-CODI/SP, onde no pátio de manobras, pai e filho foram novamente espancados. A violência dos espancamentos levou ao rompimento das algemas que os ligavam. Na sala de interrogatório foram torturados um na frente do outro. Nesse mesmo dia, sua casa foi saqueada e toda sua família presa.

No dia seguinte, 17 de abril, os jornais paulistas publicavam uma nota oficial dos órgãos de segurança, estampando a notícia da morte em tiroteio de Joaquim Alencar de Seixas. Contudo, ele ainda não estava morto, pois ainda sofria as torturas, o que foi testemunhado por seu filho Ivan, sua esposa, e suas duas filhas, Ieda e Iara.

Por volta das 19 horas do dia 17, Seixas foi morto. Sua esposa, Fanny, viu os policiais estacionarem uma perua C-14 no pátio de manobras, forrarem seu porta-malas com jornais, e colocarem o corpo que reconheceu ser de seu marido. Nesse momento ouviu um policial perguntar a outro: ‘De quem é este presunto?’ e como resposta, a afirmação: ‘Este era o Roque’, nome usado por Seixas.

No processo da justiça militar a que responderia se estivesse vivo, consta uma fotografia de seu cadáver com os sinais evidentes dos sofrimentos de que foi vítima e de um tiro na altura do coração, que indicaria a causa-mortis do laudo necroscópico.

Assinaram o laudo de necropsia os médicos legistas Pêrsio José Ribeiro Carneiro e Paulo Augusto Queiroz da Rocha, confirmando a falsa versão oficial de que Joaquim foi morto com sete tiros durante confronto com policiais. O legista Nelson Massini examinou os documentos relativos à sua morte e identificou oito lesões contusas, em especial na cabeça e afirmou: ‘O senhor Joaquim Alencar de Seixas sofreu, além de ferimentos mortais de projéteis de armas de fogo, outras lesões, provenientes de meios e/ou instrumentos constituídos de dor física e sofrimento físico que se define como tortura ou forma cruel de violência’.

Em 17 de maio de 1995 o CREMESP cassou o registro profissional de Pêrsio José Ribeiro Carneiro, acusado pelo Grupo Tortura Nunca Mais, Rio de Janeiro, de assinar um laudo necroscópico falso confirmando a versão de que Seixas teria sido morto em tiroteio ao reagir à prisão em 16 de abril. O laudo registra uma data que não confere com o dia da sua morte. Além disso, descreve hematomas, escoriações e fraturas encontradas no corpo, mas responde não ao quarto quesito, que pergunta se sua morte foi produzida por meio de veneno, fogo, explosivo, asfixia ou tortura ou por outro meio insidioso ou cruel.

O laudo necroscópico de Joaquim foi examinado pelo legista Nelson Massini em 13 de julho de 1995. Nas observações finais de seu parecer encaminhado à Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, concluiu: ‘O laudo, apesar de conter omissões importantes, que permitiriam se ter uma visão mais completa dos fatos que ocorreram com o senhor Joaquim Alencar de Seixas, chega a uma causa-mortis coerente com a descrição feita’. ‘No entanto, o mesmo não se pode dizer da circunstância qualificadora, cuja resposta corresponde ao quesito de número quatro do laudo e que foi respondido não quando pelas lesões contusas sofridas fica evidente o processo de

crueledade a que foi submetido o senhor Joaquim Alencar de Seixas, antes do desfecho com o tiro de misericórdia'. 'Portanto, apesar do laudo revelar a intenção do relator demonstrar com clareza as lesões encontradas, encontra-se incompleto, incoerente, ao responder o quarto quesito que, a meu ver, deveria ter como resposta sim'.

Na Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos, seu caso foi registrado sob o número 021/96 e teve como relatora Suzana Lisboa, e foi aprovado por unanimidade em 18 de janeiro de 1996.

Agentes policiais. Os assassinos de Joaquim Alencar de Seixas, identificados por seus familiares e por companheiros foram, o então Major do Exército Carlos Alberto Brilhante Ustra, vulgo Doutor Tibiriçá, o então Capitão do Exército Dalmo Lúcio Muniz Cirillo, vulgo Doutor Hermógenes, o então Capitão do Exército Ênio Pimentel Silveira, vulgo Doutor Ney ou Nazistinha, o então Capitão do Exército André Leite Pereira, vulgo Doutor Edgar, o Delegado da Polícia Civil Davi Araújo dos Santos, vulgo Capitão Lisboa, o investigador de Polícia Civil Pedro Mira Granziere, vulgo Tenente Pedro Ramiro, Delegado de Polícia Civil João José Vettorato, vulgo Capitão Amici e vários outros torturadores conhecidos apenas por apelidos.

As informações foram extraídas do livro Dossiê Ditadura: Mortos e Desaparecidos Políticos no Brasil, 1964-1985, produzidos pelo Instituto de Estudos sobre Violência do Estado e publicado pela imprensa oficial em 2009.

O SR. IVAN SEIXAS – Eu pediria para Ieda Seixas, minha irmã, vir para cá também para dar o seu depoimento.

O meu depoimento sobre isso, eu fui preso junto com o meu pai. Nós fomos cobrir um ponto com um companheiro, o José Rodrigues Ângelo Júnior, o Juraci, e ele tinha sido preso e colaborou com os torturadores e nós fomos capturados, como foi dito aqui, na altura do número nove mil da, na época chamava Estrada do Vergueiro ainda, na Rua Vergueiro. E aí foi montado um esquema enorme lá e quando nós entramos no ponto, tinha uma pracinha, tinha uma padaria na esquina, e a gente viu o Juraci na porta da padaria fumando, sem algema, sem nada. Parecia estar tudo normal, mas, por via das

dúvidas meu pai parou o carro uns 50 metros de distância para dar chance inclusive de ele não ir até nós se tivesse havido alguma coisa. Mas ele foi até nós. Então ele se dirige até o carro que a gente estava e quando, pouco antes dele chegar ao carro, quando faltavam uns 10 metros mais ou menos, já localizaram que éramos nós, uma caminhonete da OBAN abalroou nosso carro na frente pedindo a passagem, metralharam o carro. Em mim não aconteceu nada, mas o meu pai pegou de raspão na parte de trás da cabeça. E nós estávamos desarmados naquele momento porque a gente estava, tinha ido buscar o carro na oficina, que tinha sido quebrado, e aí, quando a gente é surpreendido com aquela ação fulminante à gente é capturado sem ter condições de reagir. Nos espancam, algemaram com uma algema única o meu pulso ao pulso do meu pai. O meu pulso esquerdo e o pulso direito dele, a gente é colocado no carro e levado embora. Na altura do número seis mil, cinco mil da Vergueiro tem uma Delegacia, hoje em dia já não tem mais, mas tinha uma Delegacia, que era a 37^a, e eles pararam lá para trocar os carros da emboscada pelas famosas C-14, aquelas viaturas deles. E aí, na hora que tira de um carro para passar para o outro aí nós fomos espancados muito mais violentamente e jogam a gente dentro da C-14 e nós vamos para OBAN.

Quando a gente chega ao pátio da OBAN, que a entrada era pela Rua Tutóia, eles entraram no pátio, o pátio é enorme, e lá, para nossa desgraça, tinha uma turma saindo e uma turma entrando. Era 10 e pouco, estava saindo uma turma de plantão e entrando uma outra. E aí a equipe B, que estava entrando, junto com a equipe A, que estava saindo, fazem a recepção. Eles abrem a porta malas da C-14 e aí o cara grita, olha quem nós pegamos, Roque e o filho dele, o Teobaldo, que eram os nossos nomes de guerra, e me dá um soco na nuca. Eu vou para frente e quando eu volto eles fecharam em cima da gente e aí começou um espancamento violento. Nós tínhamos a determinação de não apanhar. Brigar sempre que possível. Então a gente começou a lutar, algemado, mas começamos a reagir. Batíamos, apanhávamos, batíamos, apanhávamos, e foi tão violento que a algema se abriu e aí eu fui separado do meu pai, literalmente, na porrada. E o espancamento foi tão violento que eu vi de relance a população gritando, parem, parem. Parem com isso. Tinha uma parte mais alta que dá para rua de trás, que é Rua Coronel Paulino não sei das quantas, uma ruazinha e eles, um dos caras deu uma rajada de metralhadora para cima dizendo, vão embora. Vocês não tem nada com isso, uma coisa assim. E continuou a pancadaria, e eu fui sendo levado para um canto, que é na entrada do prédio que lá é para as torturas e meu pai

ficou no meio do pátio, lá no meio dos carros. Um determinado momento vinha descendo as escadas para participar dessa pancadaria o Capitão Lisboa, o Delegado Davi dos Santos Araújo, e eu estava batendo em quem aparecesse na frente. Não era nada contra um ou contra outro. E ele vem correndo na frente e eu acertei um murro na boca dele que ele caiu longe. E continuei brigando com outros caras, aí esse Davi veio por trás, me deu uma gravata, começou a me sufocar e eu segurando no braço dele, me defendi como podia, com as pernas, e batia nos caras com as pernas e segurando o braço dele, mas estava me sufocando. Eu então me joguei para trás e caí em cima da barriga dele, aí ele deu um urro e abriu, soltou, e quando ele soltou eu tentei levantar e levei um chute na cara e aí fui dominado junto ao banco que tinha em frente ao rancho deles e imediatamente me pegaram, dominado, e me levaram para cima. E me penduraram no pau de arara. E meu pai foi também dominado e foi levado para a cadeira de dragão. Pau de arara todo mundo sabe o que é. Cadeira do dragão, para quem não sabe, é uma cadeira que imita uma cadeira elétrica, tem revestimento de metal e as pernas ficam para baixo da cadeira e eles botam um travessão na frente da canela, e quando aplicam choque a pessoa se estica e a canela roça nesse travessão de madeira e pega até o osso, dependendo da violência. E aplicaram, tanto em mim quanto no meu pai, duas máquinas de choque, simultaneamente, foi uma pancadaria muito grande. Nas duas, três primeiras horas de tortura, tanto eu quanto meu pai tivemos a mesma resposta. Eles perguntavam, ponto, ponto, ponto. E a nossa resposta era uma só. Não vou falar. Vão para a puta que os pariu. E a pancadaria constante. Uma coisa muita violenta. Só que em um determinado momento eu percebi que eu não iria aguentar aquela pancadaria e eu respondendo só com isso, não vou falar. Que era muito provocativo.

E aí decidi driblar os caras. Então eu tive que simular um fraquejar e abri um ponto. Lógico que eu não iria abrir um ponto verdadeiro. Eu tinha que abrir um ponto frio. Nessa hora é muito difícil você até lembrar de ponto verdadeiro. Você não lembra de rua nenhuma. Você não quer falar e você está sob pancadaria, choque, afogamento. Afogamento não é botar dentro de um tonel de água não. É uma pano cheio de água que bota no seu nariz e você sufoca igualzinho se estivesse dentro de um tanque. E apertando você engole água do mesmo jeito. É uma técnica desenvolvida pelos americanos, como a gente vê nos (ininteligível) que estão fazendo lá em Guantánamo e (ininteligível).

E aí eu ouvindo meu pai ser torturado e ele ouvindo a mim. E ali não eram pai e filho. Ali eram dois militantes. Então, naquele momento não havia esse relacionamento familiar. Eram dois militantes. Eu não podia abatê-lo, ele não podia me abater. Nós tínhamos que manter a firmeza para encorajar a resistência do outro, obviamente.

No momento que eu decidi abrir um ponto frio não me passava uma rua sequer na cabeça. Nenhuma, nenhuma, nenhuma. Nem a rua onde eu morava, a rua onde fui preso, nada. E durante um certo tempo eu tive que recobrar o mínimo de lucidez para poder lembrar de alguma rua. E eles foram, em determinado momento eles foram almoçar. Eles faziam revezamento. E a coisa mais monstruosa é você estar lá pendurado e o cara vir com um bife na mão, vem dar choque. E aí, vai falar? Dava choque. Três, quatro minutos depois vinha um outro e fazia a mesma coisa. Mas nesse momento eu consegui ter um momento de calma, vamos chamar assim, se é que é possível, e pensar sobre isso. E aí eu me lembrei de uma rua. Obviamente que eu lembrei a rua verdadeira, que eu não podia abrir, que era na Machado de Assis, na Aclimação, na Praça dos trólebus. E aí continuei fazendo um esforço desgraçado para lembrar alguma coisa, e aí consegui lembrar de uma rua, que era a Rua Joaquim Nabuco, 500, que era lá junto ao Aeroporto. E aí tinha que fazer uma simulação para convencê-los que não era farsa, e eu, depois de um certo tempo eu falei, está bom, eu falo. E falei na Rua Joaquim Nabuco, 500, no Brooklin. Com quem é o ponto? E aí eu falei o que eles mais queriam ouvir, o Clemente.

O Clemente era o Carlos Eugênio Sarmento Coelho da Paz, que é meu amigo até os dias de hoje, e ele era o cara mais procurado depois que o Henrique caiu, que o Henrique era o Comandante das ações armadas e passa a ser o Clemente, que era da ALN. E eles ficam felicíssimos que eles iam pegar o Clemente. Aí me tiram rapidamente do pau de arara, descem para o primeiro andar e lá me preparam para levar para o ponto. Eu estava muito arranhado, muito machucado, então eles enxugaram o sangue, puseram camisa, que ensopou de sangue, aí tiraram a camisa, enxugaram novamente, ensopou também de sangue. Aí puseram uma manta de algodão, de campanha, puseram em cima do meu corpo, eu fiquei maior do que eu já sou, e puseram uma camisa.

Então, quando estão preparando para me levar entra o Major, que é a primeira vez que eu vejo. O Major Carlos Alberto Brilhante Ustra, o Doutor Tibiriçá, ele entra e

fala, não, ele não vai. Ele pode estar fingindo. E vai correr e vai ter que matar. Não é para matar agora. Vai matar depois. Leva o Juraci, que está colaborando. E aí eu fiquei ali, foram com o Juraci e eu fiquei ali levando choque, chutes e tal, não pendurado no pau de arara. Dali um tempo, eu não sei determinar quanto, uns 40, 50 minutos, sei lá, eles voltam e quem foi comandar a equipe para pegar o suposto no ponto, o Clemente, foi o Delegado Otávio Gonçalves Moreira Júnior, o Otavinho. E o Otavinho volta enfurecido porque percebeu que era um ponto frio. E ele volta gritando, era ponto frio, era ponto frio. Agora vai ter que falar o aparelho. Ele chega perto de mim, que eu estou amarrado, de camisa ainda, mas estou amarrado, e ele me diz, pega um pedaço de pau no chão e me fala, aparelho. E eu respondi, eu entro de olho fechado na casa do rei, não sei onde é. Aí ele deu uma porrada no meu braço que imediatamente levantou um hematoma. Aparelho. E eu repeti, eu entro de olho fechado na casa do rei... Aparelho, aparelho, aparelho. Até que ele acelerou, ele perguntava, eu respondia, ele batia, ele perguntava, eu respondia, ele batia, até que foi tão rápido que ele bateu, bateu, bateu sem perguntar nada, jogou o pedaço de pau no chão, saiu batendo o pé parecendo criança mimada, m... Não fala nada. Vai ter que matar.

Todos os torturados riem da figura grotesca fazer uma coisa dessas e eu ri também, porque era muito ridículo. Aí o Capitão Amici, que é o Delegado João José Vettorato, estava acendendo cachimbo, olhou para mim e falou assim, engraçado, mas eu não sou veado igual ele e eu vou te matar na porrada se não falar. Mandou subir. Chega ao andar de cima onde tinha o pau de arara de novo e aí eu tenho que dar uma mensagem para o meu pai, que estava tudo bem. Que eu não tinha entregue nada. Para ele não se abater. Para o companheiro que está ali, que é meu pai, por coincidência. Aí eu digo para eles, claro que era ponto frio, seus babacas. Vocês acham que eu ia entregar um companheiro.

Aí parecia um cachorro louco, rasgaram minha roupa, batendo, batendo, batendo. Me amarraram de novo, botaram um pau de arara e aí a pancadaria foi muito forte. O Davi dos Santos Araújo ele chegou a ponto de ficar em pé em cima do meu peito pendurado no pau de arara. Em pé em cima do meu peito, pulando assim, uma coisa alucinada. Choque, choque, choque, choque, pancadaria. Acho que foi com pedaço de pau, uma barra de ferro, não sei, que ele me bateu, o Davi bateu na minha coluna, que fica vergada no pau de arara e quebrou uma vértebra minha. Eu tenho uma vértebra que foi quebrada. Eu desmaiei nessa hora, pela dor, e fui acordado com choque.

E eu fiquei sendo torturado e só dizendo, não vou falar, não vou falar, não vou falar, não vou falar. E isso foi o resto do dia.

A sala de tortura era a sala em cima da sala onde as mulheres ficavam presas e não tinha nenhuma proteção, era só um basculante, um vitrô que separava a sala de tortura para o mundo exterior. Todo mundo ouvia, o bairro inteiro ouvia as torturas ali, dia e noite. E isso me permitiu ver que já era de noite. Quando eu vi que já era de noite, que eu não sei que horas que eram, eu sei que era já de noite, que estava bem noite, em abril, eu pensei, vou abrir a minha casa. Porque a gente tinha um combinado, nós que morávamos na casa, seis horas se não aparecer fica atento, sete horas sai. E aí, não sei que horas que era, acho que era umas oito horas, não sei, eu abri a minha casa. E aí me levaram para lá arrastado porque eu estava sem poder andar por causa do pau de arara e quando chega à casa o Capitão Ênio Pimentel Silveira, ele está com uma 45 na minha cabeça, segurando pela gola da minha camisa e fala assim, se alguém tossir lá dentro eu vou estourar sua cabeça. E entra comigo como um escudo. E aí eles invadem a casa e prendem minha mãe, minha irmãs, e na hora inclusive a gente tem um diálogo muito estranho, que eu falo, mas por que é que vocês não fugiram? Fugir para onde? Qualquer lugar, minha mãe fala. Menos para a prisão. E aí os caras me espancam ali, que é uma coisa meio alucinada, e me levam para fora. Levam minha mãe, minhas irmãs não sei para onde, que eu, eu acho que foi para a OBAN.

A SRA. – Para OBAN. (ininteligível).

O SR. IVAN SEIXAS – Isso eu não sei por que eu não vi. Você conta. Você vai contar. Aí eles passaram a noite comigo fora, rodando. Eu lembro que em algum momento eu encontrei com outro carro, que estava a Ieda, de madrugada. Aí de manhazinha, quando clareou, eles me levaram para o Parque do Estado, que na época chamava Estrada do Cursino, que é a Avenida do Cursino hoje, que era a Estrada que ligava São Paulo a Diadema.

E entraram no mato comigo, literalmente me arrastando, aí dentro do mato disseram, corre. Eu falei, corre o cacete. Não vou correr nada. Aí me deram uma coronhada, caí no chão, aí metralharam em volta da minha cabeça, atiraram com 45, um barulho muito grande, que deixa surdo, e naquela hora não é valentia, não existe isso. Você estar vivo ou estar morto, a diferença é que morto você não vai sentir aquilo tudo. Então não é uma questão de ser valente ou não. Então aquilo não mudou nada da minha decisão de não colaborar com eles. Então eles me espancaram de novo, puseram no carro e saíram com o carro para voltar para a OBAN. E pararam no começo da Estrada do Cursino, perto da, eu acho que é Avenida Dom Villares, se eu não me engano, que chama, tem uma padariazinha, eles pararam para ele tomarem café. Eu fiquei dentro do porta mala da C-14, aí eu vi na banca de jornal a manchete da Folha da Tarde, colocaram a foto do meu pai, morre terrorista assassino do industrial. E aí eu vi, meu pai foi morto ou vai morrer. O próximo sou eu.

Dali eles me levaram de volta para OBAN. Quando chega lá acontece outra cena muito louca, aqueles caras eram muito doente mesmo. Eles sobem comigo, quando chega na frente da sala de torturas, onde está, a salinha onde estava à cadeira do dragão montada e meu pai estava lá, sai de dentro da sala onde está meu pai sai o Capitão Ênio e olha para mim e fala assim, o que é que esse moleque está fazendo aqui? Aí o Davi dos Santos Araújo, que está me conduzindo, ele diz, eu vou pendurar ele. E o Capitão Ênio diz, não. A prioridade é o Roque. Leva ele. E ele fala, não, eu vou pendurar. Vai, não vai, vai, não vai. Eles ficam decidindo se vão ou não me torturar, engatilham armas, é um negócio alucinado, se me tortura ou não. E aí no andar de baixo eu ouço uma voz, o que é que está havendo aí? Era o Ustra. Aí o Capitão Ênio fala, é o Davi, Major. Aí que eu ouço que é o Major e que é um cara chamado Davi, que é aquele que estava ali, que eu não sabia o nome dele, obviamente. É o Davi, Major. Ele quer pendurar o menino, mas a prioridade é o Roque. Aí o Major grita, desce daí, Davi. Obedece ao oficial. Aí me levam embora, eu saí ali da sala de tortura, vou lá para o pátio, ficaram comigo lá, não sei muito bem. E depois eu sou levado para a cela.

A notícia da morte do meu pai, estava provado, meu pai estava ali, eu vi, ele estava com a cabeça pendendo, machucado, eu vi que ele estava ainda vivo, sendo torturado. E ele só vai morrer a noite, sete, oito da noite, porque eu não vi. Não estava ali. Estava fora das salas de tortura. Aí depois disso, eu queria, depois que a Ieda falar, que ela vai contar como ela viu, como é que foi a prisão dela, todas as histórias, tem a

foto do meu pai morto, que eu acho que é importante mostrar para se fazer o registro documental do que é que eles fizeram, que não é uma denúncia sem base. E tem a foto da capa da Folha da Tarde, em que é mostrado essa manchete. A Folha da Tarde, com certeza, não foi a única a dar a notícia. Foi uma nota oficial do Segundo Exército. Mas, com certeza a Folha da Tarde comemorou e os outros só deram a nota. Essa é a diferença. Só para deixar muito claro, porque agora voltou a ter a acusação ao Frias, que era ligado à repressão, mas a Folha da Tarde comemorou. É isso.

O meu depoimento eu posso falar depois.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Não é melhor ler o Memorial primeiro?

A SRA. IEDA SEIXAS – Não. Não. Eu preferia que não lesse o memorial porque isso está incorreto. Está incorreto porque efetivamente o Rei morreu...

O SR. IVAN SEIXAS – Fala do pai primeiro.

A SRA. IEDA SEIXAS – Não. Eu estou dizendo para não falar do Memorial.

Eu não estava presente porque nos fomos presas, os caras chegaram em casa trazendo o Ivan arrastado, aí nos levaram para o DOI-CODI. Esse Ênio aí, que é o tal Nazistinha, eu lembro bem porque a gente estava dentro do carro, aí eu olhei a direita estava escrito Liberdade, que é o bairro da Liberdade e aqui Paraíso. E eu disse assim, que engraçado, porque eu estava em choque. Não fui valente, não é isso. Eu estava em

choque. Tanto que, na hora que eu fui presa, primeiro eu tentei gritar, o cara me deu uma gravata e disse, cala a boca senão eu te apago aqui. Eu comecei a gritar para os vizinhos. Coisa de gente que não está normal. Depois em entrei em casa, aí tinha uma metralhadora que estava, porque eles em cinco minutos eles demoliram a casa. Inclusive o estuque do teto, aquele Capitão, Major, sei lá, ele caiu ali, ficou com as pernas assim do teto. Não sei o que é que eles procuravam com tanta violência. E eu vi a metralhadora, o que eu decidi? Pegar a metralhadora porque eu ia atirar. Não sei em quem. Eu ia matar a família ou eu ia atirar no meu pé, porque eu não sei atirar.

Enfim, aí eu estava meio em choque e no carro eu disse assim, engraçado, Liberdade e Paraíso. Eles disseram, você está saindo da liberdade para entrar no paraíso. Que é esse Nazistinha. Agora eu entendi, além de torturador ele era serial killer. Todos eles eram serial killer. Mas, enfim, aí nós fomos levados para o DOI-CODI, eu comecei a ser interrogada, eu não vi mais, porque ficamos eu, minha mãe e minha irmã no famoso banco, que quem passou pelo banco, porque uns não tinham oportunidade de sentar no banco, a gente tinha. Que era um banco que ficava junto à cantina que a gente ficava ali e aquilo tinha, nada ali na OBAN era de graça. Aquilo, os caras lá da Escola das Américas, a escola de tortura, a americanada estudou baseada nos princípios nazistas com muito requinte, porque tinha toda uma questão psicológica de você ficar sentada naquele banco, aí ficavam passando com gente carregada, gente tropeçando, gente ensanguentada. O cara descia com panos sujos de sangue. Aquilo tudo era deliberado e estudado por psicólogos ou sei lá, coisa que o valha. E a gente ficou sentada ali. Tinha um débil mental, Ênio, que era uma cara da CCC, que usava metralhadora, não sei se vocês, a maioria dos ex-presos que estão aqui, usavam metralhadoras, era um gurizinho, um guri. Um cara de uns 17 anos. Um cara loirinho de olho azul, que ele ficava com aquela metralhadora, que foi ele que espancou, que bateu na cabeça da minha irmã com aquela metralhadora e disse assim, você tem ME? Eu não sabia. Eu não era militante. O máximo que eu conhecia era MRT, ALN. As duas siglas. E PCdoB e PCB, porque eu sou filha do Partidão. Aí daqui a pouco atravessa um, porque o banco ficava aqui, depois uma coisa abaixava um pouco e aí tinha uma, o pátio tinha um declive, aí subiu um sujeito, olhou para mim e ele disse para mim, eu conheço aquele cara. E o homem veio e disse assim, vocês moravam na Dario Pederneiras. É, morava. Não podia negar. Lá em Porto Alegre. Ele disse, eu conheço vocês duas. Agora, a desgraça, que eu estou desde janeiro, de dezembro do ano anterior procurando

vocês. Só que eles imã procurar a gente no diretório acadêmico, vamos chamar de esquerda, mas lá eles não queriam a gente, porque eu acho que a cara não era bonita ou sei lá o que era que o diretório não aceitava. Então a gente andava era dançando, além da faculdade, trabalhar, fazia isso. E o cara resolveu nos procurar nos grandes centros de discussão política e ele devia ter procurado a gente na zona das boates.

E aí, depois disso a gente é levado, eu fui primeiro interrogada em uma sala, eu não tenho noção. Eu sou uma das raras pessoas, talvez, que a arquitetura daquele prédio me confunde. Eu me confundo toda. Mas a gente é levado para um primeiro andar. Eu sei que a gente é interrogada ali, mas eu já não estava bem. Eu ouvi a minha irmã na sala vizinha só dizer assim, com a voz mais calma do mundo, o senhor é que está dizendo. Aí os caras engatilhavam metralhadora, batiam na cabeça dela e ela só dizia, o senhor é que está dizendo. Ela não se alterou. Eu não. Eu pirei de verdade. Aí eu fui levada para o banheiro, que é em cima, na mesma altura da sala da tortura. Eu fui levada para esse banheiro, o banheiro estava vazio, eu já contei no meu depoimento, faltou alguns pedaços. Me botaram lá dentro do banheiro. Primeiro apareceu um sujeito que, o apelido dele eu acho que era Bucéfalo. Eu não tenho a menor ideia desse diabo como é que se chamava. Eu sei que ele sentou na minha frente, aí entraram, antes disso o seguinte, eles simplesmente apagaram todas as luzes e gritaram assim, traz o Ivan. E aí a gente ouve uma rajada de metralhadora e eu ouvi a voz da minha mãe completamente desesperada porque ela tinha certeza, como eu, que estava trancada naquele banheiro, no escuro, que o Ivan tinha sido morto. E eu não sabia nem do meu pai. Porque eu tinha a esperança, porque a gente não sabia que meu pai tinha sido preso também. Nesse clima, aí depois eles acendem a luz, a minha mãe gritou, gritou e eu só pedia a tudo quanto Orixá, que salvasse alguma coisa da minha família.

Aí depois eles entraram, acho que cerca de uns 10 homens, entre eles esse Davi dos Santos Araújo, que eu gravei bem a cara e o nome eu fiquei sabendo depois que era o não sei o que Lisboa, Capitão Lisboa, porque era um sujeito que parecia um ogro, que usava um chapeuzinho e ele sentou desse lado, e aqui do outro lado sentou um outro diabo, porque eu não considero nenhum deles gente. Eles são todos serial killer, mas não são gente. Sentou aqui e na minha frente sentou esse Bucéfalo, e que era a cena mais ridícula, o cara sentou ao contrário na cadeira e ele simplesmente, primeiro queimou todos os palitos de fósforo que eu tinha, que era para eu fumar, me tomou o cigarro, e depois ele me batia na cara, e eu usava, meu cabelo era muito cumprido, como

toda menina daquela geração, o cabelo voava assim, mas eu não sentia dor. A coisa mais louca isso, porque ele bateu, bateu. Bateu. Aí o Davi dos Santos começou a abusar sexualmente de mim. E é uma loucura, porque diante da tortura que eu vi, porque eu posso não ter estado no pau de arara, mas os gritos estão na minha cabeça até hoje. E o maior pânico era porque eles ameaçavam o tempo inteiro que iam matar, porque não falavam do meu pai. Eles diziam que iam matar o Ivan e a minha mãe. Você vai ficar órfã e não vai ter mais irmão. Era o tempo inteiro isso. E, claro, o Ivan era militante. Eu não era, nem a Iara, nem a minha mãe. Então o peso era muito maior em cima dele. O meu pai, eu confesso, não sabia onde estava.

Eles passaram a noite com essa história. O Davi dos Santos Araújo com a mão dentro de mim e os outros, além de dar porrada na cara, mas eu não senti dor. Eu confesso que não senti dor. Eu acho que eu estava amortecida. Eu só me lembro que o cabelo fazia assim e eu batia com o cabelo na cara desse, eu não sei como era o nome do Bucéfalo. É um homem. Um homem que te passou mercúrio, inclusive. Parece um índio.

Depois disso, amanheceu o dia. Duas coisas que eles queriam, a casa do Rei, que é o Dimas Antônio Casemiro e o Zorro. Mas o Zorro com menos ênfase. E eu só fui entender porque, porque o Zorro era assim, estava em cartaz, Gilberto Faria Lima é o nome dele, estava em cartaz e tal. Por que é que a ênfase era o Dimas e não tanto a ênfase no Zorro. Aí de madrugada, sei lá, amanhecendo o dia, porque eu não, obviamente que eu não estava com relógio para cronometrar nada, me botaram em uma C-14 com dois homens na frente, atrás estava eu no meio, mais dois aqui. Um deles era o maldito Davi dos Santos Araújo, que aquilo tudo, eu não era bonita. Só era jovem. Agora, por que é que o homem cismou de abusar de mim era uma questão psicológica que ele achou que ia me derrubar ali, porque eu pedi para eles na hora que começou, me dá choque, me põe no pau de arara, me mata, mas não faça isso comigo. Aí eu acho que ele percebeu que aquilo que estava me afetando. Eu acho que afetaria qualquer mulher. Você fica pensando como é que você escapa dessa situação indo para outra. Então me dá choque, eu fazia com a mão assim. Me bota no pau de arara. Ele dizia, pau de arara, comigo você vai gozar mais que no pau de arara. E eu sem a menor noção porque eu acho que ninguém, ninguém, todo mundo foi preso, ninguém sabia, podia descrever, mas ninguém estava preparado para aquela situação. E para a situação do seguinte, que você quando está sendo torturado ou física ou psicologicamente você quer se livrar

daquilo. Atire a primeira pedra quem disser que não foi. Você quer se livrar. É uma dor, como um sapato fica apertando, você quer tirar. Só que você quer sair dessa para aquela situação.

Aí, de madrugada, foi quando eu vi o Ivan na outra C-14. Eu não entendi até hoje por que é que eu estava, talvez eles achassem, que o Ivan sabia que ali era o Parque do Estado. Eu não tinha, eu não era de São Paulo, fazia pouquíssimo tempo que tinha chegado. Eles entraram naquele mato e eu fiquei assim, bom, eu acho que vão me matar no mato. Mas eu não sabia o que significava aquele mato. Que era estradão, nem nada. Eu queria me livrar daquele diabo daquele homem com a mão em mim.

Depois disso nós voltamos, eu voltei, aí eu não sei, eles pararam para comer. Teve uma hora, que eu não sei se tu lembras, que quase que eles se tirotearam. Porque tinha uma outra C-14, que não sabia que diabo era aquilo, aí, calma, calma, calma. Que eles iam se atirar. Ia haver troca de tiros entra a repressão e os dois decas aqui juntos. Ia morrer, mas não, por erro do cálculo da repressão.

Depois nós fomos levados, aí eu voltei, fui para o banheiro, depois eles voltaram a me interrogar em uma sala onde o tal de Fabio, Capitão Fabio, sei lá como era o nome do diabo, tentou me, eles queriam que eu comesse e eu dizia que não ia comer. Aí me forçaram. E eu lembro que eu comi uma rodela de pepino e tomei um copo de suco. E eu vomitei em cima dos caras. Mas não foi valentia. Eu vomitei porque aquilo estava impossível. E o tal de Fabio resolveu que ele ia me enforcar com meu cabelo.

Tudo isso, eu quero só deixar bem claro, tudo isso, o que estavam batendo em mim ou fazendo comigo pouco se me dava. Claro que eu não achei nem um pouco engraçado, não gostei. Tenho sérios problemas até hoje com a história do, sérios problemas em termos, mas, assim, me afetou. O abuso sexual me afetou, efetivamente. Mas eu levei muitos anos para metabolizar, para chegar à conclusão que aquilo foi um abuso sexual. Aliás, quem levantou a questão foi o Ivan quando eu fui preencher um troço para o Rio Grande do Sul que o Ivan falou assim, tu não vai colocar que tu sofreu abuso sexual? Porque diante da magnitude da aberração, da estupidez da tortura, porque eu ouvia, porque depois nós ficamos em uma sala aqui em cima exatamente era a sala do pau. Aquilo parecia que não tinha, claro, talvez por ser mulher, que mulher sempre acha que é pouca coisa, eu achava que aquele episódio era muito pequeno diante do menino que eu ouvi ser torturado e morrer, diante da tortura do pessoal da Ala

Vermelha. Eu levei muito tempo para entender. Entender inclusive por que é que eu não consigo, se eu entrar no banheiro para lavar a mão eu estou já com a porta aberta querendo sair. Eu tenho pavor de banheiro. Porque foi dentro do banheiro.

Depois disso, eles pegaram a mim e a Iara e nos levaram porque eles queriam achar a casa do Rei. Ora, eu não tinha a menor noção, porque eu sempre entrei, eu fiquei muito pouco tempo na casa do rei, mas entrei na casa do Rei com os olhos fechados.

Eu vou fazer um parêntesis para contar dois episódios que envolvem um cidadão chamado Gilberto Faria Lima.

Eu estava com o Rei, eu e o Gilberto Faria Lima no banco de trás, nós estávamos em uma Kombi. O Dimas estava dirigindo. Nós, eu pelo menos estava de olho fechado. Eu não sei se ele estava de olho fechado, mas eu estava de olho fechado com a cabeça abaixada. Aí ele avisou assim, vai bater. E efetivamente ele bateu em um carro. Eu permaneci com os olhos fechados. Aí o Rei, o Dimas, disse assim, pior é que é uma cerejinha. A cerejinha, que era aqueles fusquinhas cor de laranja da Polícia Militar. Aí o Zorro disse assim, deixa que eu resolvo isso. Na ocasião eu achei estranho, mas hoje vendo não tinha sentido. Porque o Zorro era muito procurado, ele estava, em todos os cartazes que se visse ele estava lá. Ele desce junto com o, na frente do Dimas e puxa uma carteirinha e mostra para os policiais e os caras liberam. Isso aconteceu duas vezes. Ele tinha uma vez me pedido para assinar uma carta, que ele estava na casa do Rei também, para assinar uma carteira, que eu só vi que era da Polícia Militar por causa da cor. Para eu assinar como um Capitão qualquer. E eu assinei. Não sei que nome constava. E ele usava essa carteirinha. Todo mundo achava, na ocasião, que cara f... Por isso o apelido Zorro.

Um outro episódio foi o seguinte, eu e a Iara estávamos esperando meu pai para um ponto na famosa Nazaré, 500, que era o único lugar que a esquerda sabia fazer ponto era lá. Estávamos esperando meu pai. Como a gente entrou antes no ponto, o que é que nós fizemos? Nós entramos em um bar. Um boteco. Mas a hora que a gente entrou no boteco para tomar qualquer coisa para esperar. Fazia muito calor. A gente entrou no bar e achamos estranho o seguinte, o dono do bar estava olhando assim, era uma coisa pequena e ele estava no balcão olhando assim para frente, mas para parede. O rapaz que, ele estava na frente do caixa, parado, mas olhando para a parede. Não nos olhou. Acho estranho, porque alguém que entra a tendência é olhar. O rapaz que era ajudante dele só

limpava aquele balcão, mas olhando para frente. Aí ele perguntou, o que vai querer. A gente disse, Pepsi-Cola, Coca-Cola, sei lá. Mas quando a gente pegou, aí a gente começou, sem se falar, mas a gente começou a perceber o seguinte. Tinha um homem sentado na entrada. A esquerda tinha uma banco, uma cadeira, uma mesinha de boteco, o homem parado. E o homem parado sem nada. Eu comecei a ver a volta, e a Iara também, e nós tínhamos uma coisa da época do golpe de 64, que quando eu estava, no dia primeiro de abril eu estava na rua com a minha tia, que também foi presa durante a ditadura do Getúlio. E a gente estava indo para a sede do Partidão lá para saber o que fazer. E cada vez que a gente cruzava com determinadas pessoas ela falava, they are, eles são. Mas eu entendi, ficou Gerard porque existia um seriado que um policial perseguia um sujeito chamado David qualquer coisa, que era 'O Fugitivo' o nome do seriado. O pessoal dessa geração deve saber o que é. E o Gerard era o policial que perseguia. Então passou a ser sinônimo de Gerard, policial.

Aí eu disse para Iara assim, Gerard. Aí ela disse, é mesmo. Aí nós calmamente fingimos que tomamos a, tomamos dois goles e saímos. Quando a gente saiu tinha, década de 70 não tinha táxi em São Paulo. Tinha um táxi parado e o motorista, seis horas da tarde o motorista limpando, limpando o vidro. Aí a gente olha no poste tem um homem consertando não sei o que na luz. A gente olha tem um outro homem aqui, um pipoqueiro com aquelas carrocinhas de pipoca sem nenhuma pipoca parado ali. Aí a gente começou a olhar a volta e começou a perceber que aquilo estava cercado.

O que nós fazemos? Ao invés de a gente continuar pela Nazaré nós entramos por uma rua transversal e chegamos em uma paralela porque era para a gente dar a volta para ver onde é que terminava o cerco. Nisso chega uma Kombi ou duas, eu não lembro mais, com toda organização dentro. Henrique, Rei, Márcio, todos os nomes, todas essas pessoas. Aí a gente foi chegando e fazendo assim com a mão. Aí entramos no carro e dissemos assim, gente, está cercado. Não é possível. Está cercado. Aí o Gilberto Faria Lima ou o famoso Zorro diz, deixa que eu vou ver. Sendo que, eu volto a repetir, a minha cara não estava no cartaz, a cara do Ivan não estava no cartaz, nem a do meu pai estava no cartaz. Mas a do Zorro estava no cartaz há muito tempo com aquele procura-se. O Zorro, com a cara, aquele jeito peculiar de andar dele ele vai lá e volta e diz assim, não, isso é um cerco para prender o Assis. Assis era um marginal famoso aqui em São Paulo na época.

E eu quero fazer um comentário também, o seguinte, que eu estava conversando com a Iara e a Iara disse, uma coisa que eu sempre observei no Zorro é que, se você olhasse para a cara do Henrique, do Rei, em qualquer uma daquelas pessoas tinha uma certa tensão. As pessoas, mesmo rindo eles estavam tensas. E o Zorro nunca. Ela disse, eu acho que o Zorro tinha problema de psicopatia ou sociopatia, porque ele era uma pessoa que não estava tenso nunca. Ele estava sempre em uma languidez, uma clama estranha.

Eu estou contando toda essa história para chegar à morte do Rei. Aí, voltando a tarde, aí nos levaram para casa, nos levaram de carro, enfim, eu só lembrava, eu confesso a vocês o seguinte, que aí eu volto a dizer, quem passou pela tortura sabe. Você tenta buscar mecanismos para, primeiro eliminar qualquer informação. E depois você começa a buscar alguma informação porque eu tenho que dar alguma coisa para esses caras para eles pararem com isso. Quem foi torturado sabe disso. É ou não é, Amelinha? Porque não tem esse negócio, é do ser humano.

A minha tortura não foi física. A minha tortura foi o seguinte, a ameaça constante, porque ainda existia um detalhe. Eu não sabia da história, eu só tinha visto pelo jornal, eu só vi que tinham matado o tal de, quem matou Odete Roitman, o Henning Boilesen. Aí eles começaram a fazer, no mesmo dia era o Rei e quem matou o tal de Boilesen. Aliás, eu não sei quem matou, porque a história da novela, quem matou Odete Roitman, eu também não sei quem matou. Parabéns a quem matou porque eu não sei quem foi.

Aí eles nos levaram, e a única informação que eu tinha, eu volto a dizer, eu estava buscando na minha cabeça que formas eu tinha de entregar a casa do Rei. Eu não sabia onde era. Mas é o seguinte, era a única maneira, inconscientemente eu achava o seguinte, que aí eu me livraria da coisa em cima do Ivan e da mãe. Porque eu não estava presa como militante sozinha. Eu estava com a família inteira. Eu não sabia nem onde estava meu pai. E é uma droga você ser presa com família, porque você não se preocupa com você. Porque quando é só você, é ou não é, Amelinha? A tua preocupação eram os teus dois filhos, muito mais que o César. Porque o César, você fica se sentido responsável. Eu, irmã mais velha, Iara irmã mais velha também, do gurizinho que tinha 16 anos. Fora que existia, pairava sobre, isso é um outro capítulo, o meu irmão de 10 anos. Que a gente evitava de pensar nele. A gente nunca, eles descobriram uma foto e

depois forçaram a dizer onde estava porque achavam que ele estivesse provavelmente na casa de um militante.

Tudo isso, e a minha mãe. A minha mãe, na época, hoje eu tenho 65 anos, ah, você está ótima. Não. Eu estou velha igualzinho os outros. Mas só que na época o conceito, quem tinha 53 era muito velho. Tanto que, à exceção do Tibiriçá, todos os torturadores chamavam minha mãe de dona. Uma coisa que a mãe dele mandou falar, viu dona Fanny, a senhora é uma filha da p..., mas viu dona Fanny.

Aí o que aconteceu? Eu pensava tudo que, mas eu não sabia onde era a casa do Rei. Eu só sabia que eu parava na porta e subia uns degraus e entrava em uma coisa. Fora disso eu não tinha a menor noção, como até hoje eu não sei exatamente onde fica.

Aí o que aconteceu? Eles começaram, eu disse, olha, eu me lembro que ele me pegou na Avenida Bosque da Saúde. Uma coisa bem vaga, mas foi verdade. Agora, eu levei muitos anos com uma culpa que eu não tinha. Porque é o seguinte, aí foram, foram, andaram. Eles entraram exatamente na rua da casa do Rei por quê? Foi passando na frente, a Maria Helena, por acaso a mulher do Rei estava lá. E eu disse, é aqui, porque eu vi a Maria Helena. Eu apontei a casa do Rei. Só que eu levei anos achando, que grande filha da p... Que você é. Mas um dia, conversando em uma madrugada com uma amiga eu vi que estava tudo errado. Porque é o seguinte, eu sei que era uma subida, a casa do Rei está aqui. Eles nos deixaram, depois que foi, aqui é a casa do Rei, esse carro que eu e minha irmã estávamos estacionados ficou aqui. Como é que eu vou explicar a geografia desse negócio? Um quadrilátero. Aqui tinha uma rua, que era efetivamente a rua onde morava o Rei. Aqui tinha uma transversal. Nos deixaram aqui junto com o cidadão lá que dirigia. Ele só dizia assim, em caso de tiroteio se abaixe. E eu estava mais querendo que a bala pegasse na minha cabeça. Paramos ali. Daqui a pouco mais eles subiram, os outros subiram com o carro e eu não vi mais nada. Aí esse carro aqui, eu estou explicando a geografia porque assim, tinha essa rua, depois tem uma rua lá em cima, uma avenida hoje aqui, e a casa do Rei ficava aqui nessa rua. É um quadrilátero. A gente ouviu estampidos, começou a ouvir estampidos, e aí esse carro aqui, eu estou explicando isso pelo seguinte, pela fuga do Zorro. A fuga mais missão impossível, Tom Cruise, o que vocês quiserem.

Por quê? Nós estamos nessa rua aqui, aí daqui a pouco esse carro que nós estávamos sobe, e aí sobe a vai lá na outra rua. Aí eu vejo o Rei atirando com revólver e

eles atirando de fuzil no Rei. O Rei levou quatro ou cinco tiros de fuzil nas costas e ele caiu de rosto em um monte, porque foi onde ele estava correndo, ele tropeçou e virou para trás para atirar e tinha um monte de cascalho, aí mataram o Rei. Não saiu com vida nisso aí porque ele saiu efetivamente atirando, aí bateu com a cara no cascalho e ainda ele arreventou a cara todinha, eu tenho a imagem até hoje. Não está correto isso que estão dizendo, porque ele levou uns quatro ou cinco tiros daquelas balas de fuzil e isso eu lembro porque ele sangrava muito pelas costas e quando ele caiu eu comecei a gritar, e o sangue jorrando da boca dele. Acontece que depois nos levaram para dentro da casa do Rei e disseram na maior calma, pô, o Zorro conseguiu escapar. E nós ouvindo a história. Aí disseram o seguinte, que quando nós chegamos à casa do Rei, o Zorro desceu correndo. Só que se ele tivesse descido correndo nós teríamos visto. Não tinha como fugir daquele cerco. O quadrilátero todo estava cercado. Tinha cara aqui, aqui, aqui e na avenida. Eu levei muitos anos para entender que aquilo tudo estava armado. Eu não estou me eximindo de culpa alguma, mas (ininteligível) e eu disse, não vou tomar. Aí eles ficaram, como é que é? Aí eu pensei, não vou levar uma porrada porque não tomei um leite. E eu só tenho essa lembrança, do homem esticar a mão para mim com o copo de leite, eu tomei o leite e só acordei no dia seguinte e no outro dia. Passou muito tempo para eu entender que eu e minha irmã fomos dopadas. A lógica eu não vou conseguir entender. Mas a minha mãe estava lá, a Dina chegou junto com a gente. O meu pai acabou de ser torturado, eu tenho a impressão que doparam a gente para deixar menos testemunhas, porque o meu pai ainda estava vivo. Quando a Dina deixou lá, quando a gente chegou de volta na Oban, a Dina ouviu meu pai ser torturado, viu jogarem o corpo do meu pai, eu me pergunto qual é a lógica porque diabo não tem lógica, eu não entendi ainda por que. Mas se tiver que falar sobre o Rei que é a queda dele, a de morte, é um cara obstinado. Eu achava que ele era que nem meu pai. Eu acho que você quer a democracia, tudo bem. Eu acho que a palavra talvez seja determinado, mas a determinação é muito aguerrida. E ele era muito novo, meu pai tinha 49 anos, era um cara que vinha da militância desde os 19, agora o Rei eu estou vendo aqui, ele tinha 23, 24 anos na época. Puseram o nome dele de Rei porque ele era o cara do papel. Ele foi gráfico, uma pessoa extremamente determinada, muito bem humorada, tinha uma coisa que a gente brigava, mas era bobagem. Ele me chamava de pequena burguesa, e eu queria que ele consertasse o pé da mesa porque a mesa estava com três pernas.

Ou seja, eu estou brigando para que todo mundo tenha geladeira boa, não estou brigando para que todo mundo fique abanando as coisas para gelar. Mas ele era uma figura muito boa e muito determinada. O Ivan contou da queda do meu pai e dele. Acontece que a história que o Juraci contou foi o seguinte, a outra história das bravatas do Zorro, isso depois o Zorro contando para outra pessoa, que ele e o Reiestavam em uma mesa esperando para entrar no ponto e o Zorro percebeu que tinha um movimento estranho ali naquele negócio, e aí o Juraci diz assim, eu abri um ponto para entregar o Rei e o Roque, ele não ia entregar o meu pai, acho que era uma questão emocional, não sei. Mas o Zorro ouviu e sentiu (ininteligível) disfarçar a característica dele. Então, ninguém me tira da cabeça, isso eu posso citar muitos outros exemplos que o Zorro, se está vivo ou se está morto, isso eu não quero nem saber, que ele era infiltração. Se ele se bandeou para o outro lado porque foi preso, ou ele foi deliberado, ou ele era um menino, porque ele era muito novo, tinha 19, 20 anos, que ele foi preso e passou para o outro lado, isso ele pode ter sido. Infiltração que são vários episódios que sempre assim, deixa que eu resolvo. E eram coisas malucas. Ele saía de situações extraordinárias como o Zorro, aquele homem da capa e espada. E a gente sabia que não dá para ser capa e espada porque, por exemplo, o Clemente é o cara que saiu de alguma situação por sorte, porque ele (ininteligível) não sei quem foi que falou, se foi a Maria Helena, que o Rei entrou com o Zorro nesse ponto que seria para o Juraci, mas o Zorro falou assim, isso aqui está tudo cheio de repressão. Eu sei que a gente fareja tira, mas nesse cerco de Nazaré, ele mete a cara e diz, aquilo é polícia civil para prender o Assis, que era um assaltante de banco, mas sabe, como a imprensa elege o bandoleiro, ele tinha sido eleito, mas não é assaltante de banco.

O SR. IVAN SEIXAS – Hoje dá para a gente falar, mas toda a história que foi levantada do Gilberto Faria Lima, a Denise Crispim estava me falando aqui que ele foi recrutado para a esquerda pela família dela, pela Encarnacion, ela trabalhava junto com o Joelson Crispim que era o irmão da Denise, eles trabalhavam na mesma fábrica e você também. E o que eu consegui levantar é o que Gilberto Faria Lima, até o Vale do Ribeira ele era um militante de esquerda, saiu do Vale do Ribeira e lá ele foi capturado pelo CENIMAR. E aí mudou de lado. Isso é uma coisa que está mais do que claro

porque a família dele conta a mesma coisa. Eu falei que ele me disse isso, e a família confirmou. Isso é verdade, ele contou para a gente que ele mudou de lado e não sei mais o que, mas que não ia entregar ninguém. E quando houve esse fato do carro em que eles batem na radio patrulha e ele apresenta uma carteirinha do CENIMAR, eu fiquei sabendo e passei para o Devanir, eu falei para ele, Henrique, aconteceu isso, isso e isso, e o Henrique me disse, segura essa história que eu vou levantar a história dele. É muito estranho como ele se ligou a gente. Eu estava cobrindo um ponto em Indianópolis quando uma pessoa corre atrás do meu carro, eu saí correndo, dei várias voltas, voltei para o mesmo lugar, passei devagar, parei há uns 100 metros mais ou menos para ele ir até onde eu estava com o carro. Ele se aproximou, eu acelerei e parei mais adiante para evitar qualquer emboscada e ele veio ao meu encontro. Falou que estava vindo do Rio de Janeiro e teve muitas quedas lá e eu não quero cair, eu quero entrar para o MRT, não quero entrar para a ALN porque tem muita infiltração. Quero entrar para o MRT. Uma coisa muito dirigida. Então, o Henrique me falou para qualquer coisa, você me ajuda com isso para resolver o problema se ele for infiltrado? E eu disse, com certeza.

E aí quando nós caímos, ele entrou em contato com a ALN, porque nós tínhamos uma atuação muito próxima. Depois que nós caímos ele entra em contato com a ALN, e diz que está difícil e tal. Volta amanhã que eu vou te dar dinheiro e você vai embora do país. E no dia seguinte ele volta, pega o dinheiro e pergunta, qual é o esquema de fronteira? E eu digo, não tem esquema. Você pega o dinheiro e vai embora. Tem que ter um esquema. Eu quero o esquema para sair do país, querendo uma informação privilegiada. E o Clemente fala, olha, as informações que a gente tem é que você estava junto com o Rei, que é o Dimas, e o Rei caiu, morreu de um jeito que não se sabe qual é e você precisa explicar isso. Como você é de outra organização, nós vamos deixar você ir embora. Pega o dinheiro e vá embora. Aí ele vá embora, marcada uma emergência para daqui 15 dias e caso houvesse uma emergência e foi preciso retornar, daqui a 15 dias ele volta e diz, percebi, vou ficar aqui, vou entrar para a ALN, e aí dissemos, você não vai entrar para a ALN, se você ficar aqui nós vamos te injustiçar porque você não nos falou da queda do Rei. A gente sabe por informação de lá de dentro que você é uma pessoa suspeita. Vai embora que é melhor para você. E aí ele foi embora e foi para o exterior. Lá no exterior foram feitos vários relatos, José Araujo Nóbrega me conta que lá fora ele bravateava que ele tinha participado do (ininteligível) que é o irmão dele. O Marcel. O irmão dele existe, a gente descobriu que está vivo, é outra pessoa. É um

Pastor, Marcel Faria Lima e a gente descobriu que talvez na Bélgica ou no Canadá dizendo, mãe, estou bem, não se preocupe que quando der eu volto.

A SRA. IEDA SEIXAS – E aí eu costumo brincar e dizer o seguinte, não se preocupa porque eu sou judia, baixinha, nariguda e pobre ainda por cima. Esse famigerado, esse tal de Zorro chegou no Chile falando o seguinte, que eu tinha aberto a casa do Rei porque eu tinha mexido em uma gaveta, na casa do Rei não tinha gaveta, já começa por aí, só se tivesse lá no quarto dele. Tinha tirado uma conta de luz. E na casa do Rei não tinha nada, era tudo meio nu, estou dizendo que a mesa tinha três pernas, era meio encostada. Na época do Rei era eu e a Maria Helena, e ela nunca permitiria. Não havia chance de eu entrar no quarto do casal. Então, a Maria Helena estava lá dentro ou nós estávamos na cozinha conversando, porque a casa era exígua, e o cara não satisfeito ainda ficou reclamando que eu abri, que eu vi conta de luz, era muita filhadaputice. Então, eu não sei o que ele fez, mas o que me chamou a atenção na Oban era o seguinte, a ênfase era o Rei e o Zorro não tinha tanta ênfase assim. E quando a gente vai na casa do Rei, aí um tira entra e fala assim, puxa, o Zorro escapou. Gente, por muito menos, quando não conseguiam prender a pessoa eles ficavam com raiva, com ódio, batiam na própria cabeça. E aí o Zorro escapou. Para cima de mim? Não tem.

O SR. IVAN SEIXAS – Vamos encerrar o caso do Coqueiro, que a Célia Coqueiro levantou várias informações de como pessoa que elucida, então Celinha.

A SRA. CÉLIA SILVA COQUEIRO – Bom, para quem não me conhece, meu nome é Célia Silva Coqueiro, sou filha de Aderval Coqueiro e Isaura Silva Coqueiro, a viúva dele aqui presente. Eu vou contar, mas eu acho que minha mãe já falou um pouco sobre o histórico do meu pai, eu não sei por que eu não estava aqui, mas eu acho que eu

vou me deparar mais no retorno dele quando ele retorna de Cuba, porque ele esteve treinando lá logo após a prisão dele. Vou começar por ordem cronológica para vocês entenderem, e vou me deparar mais e nós conseguimos apurar e demoramos 40 anos para saber como é que ele entrou no Brasil, com que esquema que ele entrou no Brasil. ninguém sabia com qual esquema ele tinha entrado no Brasil e que foi morto cinco dias estando no Brasil. em uma mega operação com 50 homens no Rio de Janeiro e tudo mais. Então, meu pai se engajou no Partido Comunista em 1963 em Brasília. Ele veio a São Paulo logo após esse engajamento dele no Partido Comunista, e começou a fazer um trabalho de campo com os operários, meus pais eram operários do meio rural. Então, quando eles vieram para São Paulo ele se engaja ali no sindicato dos metalúrgicos, ele tem um período de envolvimento no sindicato dos metalúrgicos e já era do Partido Comunista. Quando houve aquele golpe ele foi para a Ala Vermelha do PCdoB, e depois da Ala Vermelha do PCdoB novamente uma divergência com relação aos caminhos que devia seguir para a luta armada, e ele resolve entrar no início de 1979 no MRT. E logo em seguida da passagem dele para o MRT em maio de 1969 ele é preso pelas forças de repressão em São Paulo. Ele é preso, ficou três meses (ininteligível), eu estava escutando ela falar agora e a gente não consegue, eu cresci a minha vida toda porque eu fui para o exílio depois, escutando as histórias de tortura e dos companheiros e tudo mais. Mas a gente nunca se acostuma. Cada vez que eu ouço essas histórias eu penso no frio do meu estomago, e como ficam essas torturas, esses assassinatos.

Quando falando agora da passagem do meu pai pela prisão, eu estava levantando a passagem dele pelo projeto de anistia, falando dessa selvageria eu descobri que meu pai foi em algum momento durante a tortura, ele entrou em coma e eles levaram ele ao hospital militar, e o mais importante é que eles registram isso. Alguns têm até fotografia. E o mais importante é que levaram ele ao hospital militar, levou um tempo até ele se recuperar, não sei quantos dias ele ficou no hospital militar, e quando ele se recupera, ele volta para a tortura. Eu não sei quanto tempo levou para ele se recuperar novamente, porque queriam ele vivo para levar para a tortura. Ele ficou nessa vida mais ou menos por uns três meses, que foi quando minha mãe sempre ia ao Dops porque a orientação da organização inclusive era que eu ficasse atenta em relação a isso, porque eles poderiam matar e fazer o que aconteceu com tantos outros companheiros. Então, a minha mãe ia com a gente, comigo. Eu tinha três aninhos e minha irmã tinha sete. Então, eu ia constantemente ao Dops perguntar. Ele estava sendo torturado pelo Fleury,

mas diziam que não sabiam dele, mandavam minha mãe para, ele ficou três meses nessa vida e minha mãe por três meses tentando localizá-lo. Até que finalmente mostraram para a minha mãe e foi quando oficializam a prisão dele, a minha mãe conta, eu não me lembro porque eu era pequena, eu realmente não me lembro disso, eu me lembro da morte do meu pai, mas a prisão dele eu não me lembro. Ela quando o vê na primeira visita, ela quase não o reconhece, porque enfim, o rosto muito inchado, totalmente desfigurado e tudo mais. Aí ele é transferido para o presídio Tiradentes, onde o total da prisão dele foi por um ano, e em junho de (ininteligível) porque ele realmente, ninguém dizia para o Devanir, mesmo ele pedindo informações para as organizações, de que forma meu pai tinha entrado, e só agora conseguimos entender o porquê tinham entrado nesse assunto, porque na verdade ele não volta, ele volta por um esquema da VAR Palmares, que na verdade grande parte do comando da Var Palmares também não sabia. Era um esquema do James Luz com o Breno. O James Luz e agora vocês vão entender, ele encontra com o meu pai em Cuba enquanto meu pai estava treinando para o retorno e meu pai pede a ele que monte o esquema de retorno ao Brasil, à ideia do James segundo depoimento de pessoas que tiveram contato com ele no Rio de Janeiro e que montaram a estrutura de segurança do meu pai para o meu pai entrar no Brasil contam que a ideia do James era armar uma linha de fogo com várias pessoas de organizações, de várias organizações e aí eu acredito que entraria também o Devanir, porque meu pai três dias antes de ser fuzilado, eles iam tirá-lo do aparelho e provavelmente ele iria fazer o contato com o Devanir, que não deu tempo.

Só para vocês entenderem porque meu pai caiu, como foi esse encontro dele. Em Cuba ele encontra o James e pede para o James montar esse esquema de retorno dele. Em Cuba também estava um Sr. que chamava-se Victor Papandreu, e ele era conhecido como Russo ou Greguinho. Esse Papandreu se torna de alguma forma colega, lá em Cuba, do James que era companheiro do meu pai desde 1969. Ele chega a morar no início de 1969 uns três meses no aparelho nosso. Minha mãe o conheceu nesses três meses, ele conviveu diariamente, morou com a gente lá. E a minha mãe costuma dizer que ele era um homem extremamente valente. Aí eu entendo porque minha mãe confia o retorno, a vida dele nas mãos do (ininteligível) e acontece que o James pede ao Helio que não me lembro agora o sobrenome, mas ele faz um depoimento em um livro que saiu agora há pouco e que conta em um capítulo esse retorno do meu pai, o nome do livro é ‘Seu amigo esteve aqui’, que conta a história do Breno. E o Breno esteve

envolvido inclusive também com o James, ele que ajuda o James a montar o retorno do meu pai.

O James chega no Rio de Janeiro e ajuda a montar a estrutura do meu pai. Primeiro ele chama o Helio que eu não me lembro do sobrenome, mas está nesse livro. Eu falei com ele, estive no Rio de Janeiro o ano passado com a minha mãe e ele conta toda a trajetória da viagem do meu pai e pelo fusquinha que foi comprado inclusive com o dinheiro da Var Palmares que foi comprado para ir buscar meu pai, e ele sabia que ia buscar meu pai. Ele dizia, eu sabia o peso da missão minha. Uma pessoa que vinha ajudar o James a deflagrar várias ações armadas, e vinha compor uma linha de fogo com outros militantes, e era o primeiro a voltar de um treinamento de Cuba. O primeiro banido inclusive. E eu sabia o peso dessa missão. E eu perguntei para ele, você sabia que você ia buscar o meu pai Aderval Coqueiro ou outro nome? (ininteligível) se ele falasse ele ia logo descobrir, então o meu pai não queria que ele descobrisse logo que era ele, a princípio, não conhecia o Helio então fica um pouco com o pé atrás. E com o tempo ele vai se soltando, conversa com o Helio, e o Helio diz que tínhamos o esquema armado, (ininteligível) treinando com o Coqueiro, eu sei que ele está no Rio de Janeiro, eu sei que o James falou para mim que ele vinha, mas eu preciso muito falar com ele, preciso que você me leve no aparelho. E o Helio fala assim, eu não vou te levar porque a ordem que eu tenho é para que ninguém vá ao aparelho. Aí ele fala que o Quinho está no aparelho e o Quinho pediu uma arma, ele está se sentindo inseguro. E eu não vou levar esse rapaz no aparelho. Aí o Quinho começa a discutir com ele. Mas eu sou companheiro dele, eu preciso vê-lo, é uma questão de vida e morte. Aí o Helio fala que não vai mais discutir, que quem está no comando, quem ficou no comando foi o Quinho enquanto o James está em Recife, então o Quinho decide se você vai ou não no aparelho. E aí fica essa questão de segurança. O Quinho pediu uma arma e marca um ponto para o dia seguinte. E no dia seguinte o Helio aparece no ponto e a surpresa dele é que o Quinho aparece de novo com o Victor Papandreu e aí o Helio falou assim, Quinho, o que você decidiu? Porque o Quinho tinha ficado de falar com o comando da Var Palmares para ver se poderia ou não levar o rapaz no aparelho. E aí o Quinho falou assim, vamos levá-lo porque a gente precisa muito falar com o Coqueiro, a gente não sabe o que ele tem para falar com o Coqueiro e acho melhor a gente levar ele para conversar com o Coqueiro. Eles treinaram em Cuba, o companheiro é conhecido do James, e o Helio (ininteligível) a ideia não era levar preso, porque 50 homens armados

atirando, você não quer levar ninguém preso. 10 homens conseguem levar um homem armado ou desarmado. 50 homens atirando, aí é uma execução sumária. Eles não queriam informação.

Tanto que eles liberam a imprensa, coisa que eles não faziam na época, para fotografar. Tem vasta documentação do meu pai morto porque eles queriam mostrar, é isso que vai acontecer com quem voltar. É exatamente isso que vai acontecer, e foi exatamente isso que aconteceu com quem voltou. Porque depois do meu pai voltou Fleuryzinho, voltou Jeová e todos tiveram os mesmos destinos, ok? E a mãe do Jeová procurou a minha mãe logo após a morte do meu pai. Ela estava chorando desesperada porque ela falou assim, Isaura, seu marido voltou, foi morto, meu filho deve estar voltando e vai ser morto. Ela estava desesperada porque ela sabia que ele ia voltar e seria morto. E foi exatamente o que aconteceu. Então, o Greguinho era avulso. Na verdade quem avalizou o retorno do Greguinho para o Brasil foi o Ferreira. Porque eu te explico, o que eu consegui apurar foi o seguinte, o Greguinho conhece o Cerveira no sul. Porque o Cerveira era do sul, ele foi preso lá e tudo mais. Tinha um Coronel que tinha sido cassado e tudo mais, e o Cerveira montou uma ação para poder tirar esse companheiro, Jeferson Cardim de Alencar Osório, e tinha que tirar ele da prisão, e ele arma uma mega operação para poder tirá-lo da prisão e realmente tiram. Eles vão para o México. E quem ajuda eles nessa operação, um dos que ajuda é o Greguinho, é aí que o Victor Papandreu ajuda o Cerveira, aí eles montam essa mega operação, ajudam o cara e tem um sequestro de um avião que vai para o México e aí é onde o Victor Papandreu e o Cerveira (inaudível – fora do microfone), o Victor Papandreu vai para o México no sequestro de um avião que eu ainda não consegui entender direito. Ele fez o sequestro, mas não fez sozinho. E lá do México ele sequestra um outro avião. Ele vai para Cuba e como todo outro avião que era sequestrado e chegavam em Cuba, eles pegavam a pessoa por uma questão de segurança e deixavam em quarentena. Preso mesmo. Mas não era uma prisão. Era quarentena mesmo, por uma questão de segurança. E ele fica nessa quarentena e só é liberado dessa quarentena porque o Cerveira que veio da operação do sul avaliza ele. Ajudando a esse retorno dele com (ininteligível), e meu pai também conheceu ele em Cuba. Foi assim que o Greguinho entra na vida do meu pai, em Cuba.

O SR. – (inaudível – fora do microfone).

A SRA. CÉLIA SILVA COQUEIRO – O Greguinho. O nome dele é Victor Papandreu. E ele era conhecido como Greguinho. O Quinho tinha ficado, o Quinho era o Joaquim que foi desaparecido também. Logo depois que matam meu pai, na verdade o Greguinho não entrega só o aparelho do meu pai. Ele entrega a rede de estrutura do meu pai. Tanto que todos caíram. O Quinho está desaparecido até hoje. O Breno está desaparecido até hoje. O Victor Papandreu continuou trabalhando para a repressão, ficou um tempo, continuou. Tanto que o James que estava no Recife, depois ele volta e ele encontra com a minha mãe no Chile, logo depois, meu pai morreu em fevereiro e nós fomos para o Chile em novembro de 71, do mesmo ano. E em 72 eu não sei se no primeiro semestre, o James estava no Chile e ele procura a minha mãe. E ele fala assim, Isaura, eu sei quem entregou o Coqueiro, foi o Greguinho. E ele já tinha se convencido disso porque foi feito toda uma, ele começa a apurar isso aí. E aí o próprio pessoal que tinha ficado vivo, no caso o Helio, a Nizete e tudo, passa essa informação. Porque a Nizete já estava muito desconfiada do Papandreu por conta dessa informação errada. Ele chegava muito perto do pessoal da organização. Era uma coisa muito estranha, ele começava a perguntar. O que não era uma boa prática na época. Ele só sabia o que ele tinha que saber.

A SRA.- (inaudível – fora do microfone).

A SRA. CÉLIA SILVA COQUEIRO – Talvez a experiência.

A SRA. – (inaudível – fora do microfone). Liberalismo. A coisa que eu contei no negócio da Kombi. Gente, o cara deu tinta. E não foi uma nem duas vezes. E na Casa da Morte esse Papandreu nem aparece. E não foi uma ou duas vezes. Não tem essa pessoa. (inaudível – fora do microfone).

A SRA. CÉLIA SILVA COQUEIRO – Só para voltar agora na questão do Zorro, por um bom tempo eu pensei que fosse o Gilberto Faria Lima que tinha passado a informação do Chile, sabe por quê? Porque meu pai na verdade foi guardado no Chile pelo Cerveira. E a informação que eu tenho é que o Zorro em um período ele frequentava muito o aparelho do Cerveira.

O SR. IVAN SEIXAS – Mas isso foi depois. Para a gente poder encerrar porque está tarde, só para encerrar, o Victor Papandreu hoje já é sacramentado que ele passou para o outro lado, colaborou e foi responsável muito provavelmente para não afirmar, da queda do Carlos Alberto Soares de Freitas e do Antonio Joaquim Machado, que foram capturados logo depois do Coqueiro. Segundo um agente da repressão com quem a gente conversou, ele diz que meses depois dessa sequência de quedas ele teve um comportamento inadequado ou algo assim dentro da Casa da Morte, que o capitão, major, sei lá, Rubens Sampaio, executou ele com dois tiros dentro da Casa da Morte. Que estava exigindo coisa, alguma coisa assim. Então, o final da história do Victor Papandreu...

A SRA. CÉLIA SILVA COQUEIRO – Deixa eu fazer uma correção aqui. A questão é a seguinte, o tio Amilcar Lobo que trabalhava como psiquiatra na Casa da Morte, o médico que teve até o CRM cassado e tudo mais. Ele deu um depoimento onde

ele fala de tudo isso. O que aconteceu com o Papandreu? A repressão começa a usá-lo o poder trazer o pessoal de fora. A ideia de quem comandava a Casa da Morte era usá-lo para poder trazer quem estava na fronteira da Argentina para o Uruguai, para o Chile, para começar a trazer os exilados. Mas ele ficou tão pirado, não estava falando coisa com coisa. Então, a pessoa que comandava a Casa da Morte resolveu pedir ao Amilcar Lobo uma consulta com ele para ver se ele tinha condições psicológicas de fazer essa missão. E o Amilcar Lobo conversando com ele e tudo mais fala, esse rapaz não tem a menor condição de fazer essa missão para vocês. E aí nesse exato momento o cara tira a pistola e pá, na cabeça dele, mata ele. Quer dizer, mata ele.

O SR. IVAN SEIXAS – Foi usado e não serve mais. Nós temos agora que encerrar essa 35ª audiência pública da Comissão da Verdade Rubens Paiva da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, o Deputado Adriano Diogo teve um outro compromisso, por isso ele pediu para a gente tocar a audiência pública. Normalmente é tocado pelo Deputado, mas hoje ele não pode ficar, saiu, foi para outros contatos inclusive com a Dra. Rosa que estava aqui, da Comissão Nacional da Verdade e a gente encerra essa 35ª audiência pública transmitida pela televisão, por toda internet para o Brasil e para o mundo pela internet. Muito obrigado.

* * *